



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA FRANCISCA DA ROCHA GOMES

DESENVOLVIMENTO PARA QUEM?
OS SENTIDOS DA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE BOCAINA PIAUÍ
(1981-2014)

PICOS/PI
2014

MARIA FRANCISCA DA ROCHA GOMES

DESENVOLVIMENTO PARA QUEM?
OS SENTIDOS DA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE BOCAINA PIAUÍ
(1981-2014)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro

Eu, **Maria Francisca da Rocha Gomes**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 18 de agosto de 2014.

Maria Francisca da Rocha Gomes

Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

G633d Gomes, Maria Francisca da Rocha.

Desenvolvimento para quem: os sentidos da construção da barragem de Bocaína Piauí (1981 – 2014) / Maria Francisca da Rocha Gomes. – 2014.

CD-ROM : 4 ¼ pol. (61 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Profa. MSc. Ana Paula Cantelli Castro

1. Barragem de Bocaína - Ribeirinhos. 2. Desenvolvimento Regional. 3. Rio Guaribas. I. Título.

CDD 981.812 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte N° 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao Primeiro dia (01) do mês de Agosto de 2014, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Maria Francisca da Rocha Gomes** sob o título **DESENVOLVIMENTO PARA QUEM? Os sentidos da construção da Barragem de Bocaina Piauí (1981-2014)**

A banca constituída pelos professores:

Orientadora: Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro
Examinador 1 : Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador 2: Prof. Ms. Rodrigo Gerolineto Fonseca

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI) 01 de Agosto de 2014

Orientador (a): Paula

Examinador (a) 1: Francisco

Examinador (a) 2: Fernando

Agostinho J. H. Coê
PROF. DR. AGOSTINHO JUNIOR HOLANDA COÊ
COORDENADOR DO CURSO DE HISTÓRIA - CSHNB
SIAPE: 1885698

Ao grande Meu DEUS, por me iluminar em todos os momentos. Aos meus pais José Olímpio Gomes e Maria Antônia de Sousa Rocha pela confiança, esforço e incentivo, que contribuíram de forma incondicional para que essa etapa fosse concretizada.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi tarefa fácil, mas quando acreditamos que somos capazes sempre encontramos meios para seguirmos. No entanto, seria impossível concluir este curso de Licenciatura em História se não fosse com o acompanhamento de Deus e das pessoas que estão ao meu redor me transmitindo força e coragem para seguir em frente e não desistir diante dos obstáculos.

Ao chegar ao término desse curso já me vejo como uma vitoriosa, pois foi através dele que muitas portas se abriram na minha vida, mas também enfrentei muitas dificuldades, momentos em que pensei que não iria suportar e que tinha entrado no curso certo, mas na hora errada. Mas graças a Deus, o meu pensamento positivo prevaleceu e hoje tenho a certeza que ingressei no curso certo e na hora certa.

Concluir este curso de Licenciatura em História me proporcionou uma nova forma de ver o mundo e me levou a rever muitos dos meus conceitos. Foi uma experiência inédita e que possibilitou uma aprendizagem valiosa.

Neste momento, agradeço a Deus que sempre me iluminou, me ajudando a agir de modo certo a vencer todas as dificuldades. Somente o poder de Deus justifica todas as maravilhas e benefícios presentes em minha vida. Deus, você me faz alcançar até mesmo o que eu considero impossível.

Agradeço aos meus pais José Olímpio Gomes e Maria Antônia de Sousa Rocha, a quem devo tudo, sem o esforço, dedicação e incentivo de vocês nada disso seria possível. Vocês são os bens mais preciosos que tenho na minha vida. Nunca esqueceria as dificuldades que vocês enfrentaram para fazer com que eu chegasse até aqui.

Agradeço as minhas irmãs: Maria de Lurdes, Célia Maria e Maria Nazaré, aos meus irmãos José Ivanildo e Francisco de Assis, aos meus sobrinhos Ivanildo Filho, Guilherme e Raylla, a minha cunhada Iria Maria, pelo apoio e compreensão.

De modo especial agradeço a minha querida Orientadora Professora Ms. Ana Paula Cantelli, pela dedicação, paciência e compreensão. Sem a sua ajuda esse trabalho não teria sido realizado, pois sempre se mostrou disponível em todos os momentos em que procurei, independentemente da hora e do lugar. Além de professora orientadora, você se tornou uma amiga com quem compartilho minhas dificuldades e problemas, sendo que se preocupa não só com o meu andamento acadêmico, mas também com minha vida particular, sempre me transmitido confiança e otimismo.

Também não poderia deixar de agradecer aos meus professores acadêmicos, de modo especial aos professores Gleison Monteiro, Francisco Nascimento, Marylu Oliveira, José Lins e Rodrigo Gerolineto, pela produção do conhecimento. Vocês são professores que irei levar sempre na minha lembrança.

Agradeço aos meus depoentes, pela disponibilidade em ceder-me uma parte da história de vocês que está guardada nas suas memórias. Memórias estas que também fazem parte da história da minha família e da minha cidade, e também da minha vida, pois a partir do momento em que decidi estudar essa temática percebi o quanto ela é importante para compreender aspectos presentes na cultura local. Ainda agradeço a Professora Maria Oneide Fialho pela concessão dos documentos do MEB, à Maria Moura e Michellane Carvalho que se mostraram muito acessíveis na concessão do seu livro - Desconstruindo Vidas: histórias submersas no Açude de Bocaina, a Isabel Cristina pela disponibilidade do seu trabalho e à Senhora Ioneide, funcionária do 3º BEC, pelas informações e auxílio para que eu tivesse acesso ao documento do 3º BEC de Picos.

Não poderia deixar de agradecer a minha turma dessa graduação e de modo especial ao meu grupo de trabalho: Mauricélia César, Luana Bezerra, Janicléia Mendes e Paulo Vitor. Aqui também menciono de forma especial minhas duas amigas que contribuíram muito para que este trabalho fosse concluído: Mauricélia César e Hortência Moura.

Também agradeço a oportunidade de participar como bolsista na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC) no período de 2010-2012, tendo como local de atuação a Coordenação de História. Nessa atuação agradeço de forma especial ao professor Francisco Nascimento, o qual era o coordenador do curso de história no período.

Ainda agradeço pela participação como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A participação neste programa me proporcionou uma grande experiência e aprendizagem sobre os aspectos que norteiam a educação básica. Durante esse período foram de crucial importância às orientações do coordenador Gleison Monteiro, o qual contribuiu de forma muito significativa em minha formação acadêmica, constituindo-se como um exemplar professor e coordenador do PIBID.

Diante disso, agradeço a Deus, às pessoas mencionadas e a todas aquelas que não foram citadas, mas que contribuíram de forma direta ou indireta para que esta etapa fosse concretizada. Não vejo a conclusão desse curso como um fim, mas sim, como o começo de uma grande jornada, que já alcança alguns dos seus objetivos.

Se as cidades forem destruídas e os campos forem conservados, as cidades ressurgirão, mas se queimarem os campos e conservarem as cidades, estas não sobreviverão.
(Benjamin Franklin)

RESUMO

O presente trabalho analisa “Os sentidos da Construção da Barragem de Bocaina no período compreendido entre 1981-2014”. Busca-se problematizar a noção de desenvolvimento e compreender a união dos ribeirinhos entrevistados em prol de interesses em comum. As reflexões do texto seguiram o aporte teórico de Alessandro Portelli e Edward Thompson. A metodologia utilizada foram fontes documentais – folheto do 3º Batalhão de Engenharia e Construção (3º BEC) e documentos do Movimento de Educação de Base (MEB); e fontes orais – depoimentos de moradores ribeirinhos atingidos. Por meio da análise dessas fontes percebemos que o processo de Construção da Barragem de Bocaina possuía um significado para o poder público e outro para os ribeirinhos entrevistados.

PALAVRAS CHAVE: Barragem de Bocaina – Ribeirinhos – Desenvolvimento – Rio Guaribas

ABSTRACT

This paper analyzes “The meanings of Dam Construction Bocaina the period 1981-2014”. Seeks to problematize the notion of development and understand the union of riparian respondents in favor of common interests. The reflections of the text followed the theoretical contribution of Alessandro Portelli and Edward Thompson. The methodology used were documentary sources - Brochure 3rd Battalion Engineering and Construction (3rd BEC) and documents of the Basic Education Movement (MEB); and oral sources - testimony from affected coastal residents. Through the analysis of these sources we realize that the process of Dam Construction Bocaina had a meaning for the public and other riparian power to respondents.

KEYWORDS: Dam Bocaina - Riverside - Development - Rio Guaribas

LISTA ICONOGRÁFICA

Imagem 01: Mapa do Estado do Piauí, destacando Picos e Bocaina	16
Imagem 02: situação de seca dos animais, compreendido entre os anos de 1979 -1983	22
Imagem 03: frentes de trabalho na Construção da Barragem de Bocaina.....	28
Imagem 04: reunião sobre o processo de acompanhamento da ação judicial	49
Imagem 05: caminhada de solidariedade ao povo da Bocaina –PI atingido pela Construção da Barragem	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Índice Geral de Preços – disponibilidade interna (IGP-DI) compreendido entre o período de 1981-1985	33
Tabela 02: Objetivos e Estratégias Iniciais do MEB em Picos	48

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

BEC – Batalhão de Engenharia e Construção

CEPISA – Companhia Energética do Piauí S/A

MEB – Movimento de Educação de Base

Minter – Ministério do Interior

SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 – AS ENTRE FACES DO “DESENVOLVIMENTO”	19
1.1 -“Diretamente e indiretamente seriam 75.000 habitantes beneficiados!”	19
1.2-Benefícios para quem?	26
2- EXPERIÊNCIA DE VIDA DOS TRABALHADORES DESAPROPRIADOS DA BARRAGEM DE BOCAINA	37
2.1- Rio Guaribas: terra boa para plantar!	38
2.2- Valores e Sentidos no fazer dos moradores ribeirinhos	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	61
FONTES	62

INTRODUÇÃO

Em 1981, a população que vivia às margens do Rio Guaribas teve as suas atividades agrícolas prejudicadas por dois fatores: a maior seca do século XX (1979-1983) e a construção da Barragem de Bocaina. As plantações abastecidas pelas águas do Rio Guaribas se estendiam por todo o leito do rio e propiciavam o cultivo de gêneros alimentícios não só no período considerado como inverno, mas também na época de estiagem através das vazantes. Com a grande seca de 1979-1983 a produção de alimentos foi reduzida pela escassez de chuvas, somando-se a isso, a seca da vazante, uma vez que a Construção da Barragem de Bocaina impediu ou dificultou a continuação da existência dessas vazantes.

A pesquisa está compreendida entre os anos de 1981-2014, tal recorte temporal foi escolhido devido a Construção da Barragem de Bocaina ter iniciado no ano de 1981, fato que alterou de forma significativa a vida dos trabalhadores ribeirinhos. Esta pesquisa se estende aos dias atuais por conta de as vivências dos entrevistados ribeirinhos estarem sendo contadas no presente, embora façam referências a acontecimentos ocorridos no passado.

Neste trabalho, buscamos estudar o tema “Os Sentidos da Construção da Barragem de Bocaina Piauí (1981-2014)”, através da análise das memórias atribuídas pelos moradores ribeirinhos à implementação dessa obra. Procuramos problematizar a noção de “desenvolvimento” construída sobre a Barragem de Bocaina e também compreender a união dos moradores ribeirinhos entrevistados frente ao processo arbitrário em que se efetivou a mesma. Pretende-se, ainda, analisar as experiências de vida dos trabalhadores ribeirinhos entrevistados antes da Construção da Barragem de Bocaina.

A escolha desse tema está vinculada ao fato de que a história da Construção da Barragem de Bocaina interferiu no processo de vivência da minha mãe e isso fez com que desde criança ela me relatasse sobre a implantação dessa obra, onde ela dava ênfase a um grupo de pessoas atingidas por essa obra, com as suas residências sendo submersas pela água, tendo assim que se transferirem para outras regiões e se adaptarem a um novo modo de vida. O fato de minha mãe fazer parte desse grupo de pessoas me instigou o interesse pela compreensão desse fato histórico que tanto interferiu na minha formação, logo faz parte do meu compromisso social resgatar a memória de um povo que assim como os seus bens materiais foram submergidos pelas águas do açude de Bocaina e tiveram as suas lutas por muito tempo esquecidas por seus próprios conterrâneos.

Como exemplo concreto desse esquecimento está o fato que a história que se tem conhecimento e registro é da classe dominante em que mostra a Construção da Barragem

como uma obra que trouxe grande riqueza para a região. No entanto, a outra face da história que representa os prejuízos que os ribeirinhos sofreram, o autoritarismo do poder e a resistência do povo contra a implementação de tal obra é pouca conhecida. Eu mesma, como conterrânea de Bocaina e descendente direta das famílias atingidas só conhecia essa parte da história através dos relatos da minha mãe. Os trabalhos publicados sobre a construção da Barragem de Bocaina dos quais tenho conhecimento representam uma visão elitizada ou não dão ênfase para que os ribeirinhos expressem seus sentimentos e angústias sobre as injustiças que passaram, assim como sua organização contra a Construção de tal obra.

Portanto, a história da população ribeirinha de Bocaina Piauí tem fundamental importância no contexto de dar voz aos silenciados, ao mesmo tempo em que contribui para que casos de desapropriação de moradores sem o estabelecimento de um diálogo prévio e de aceitação por parte da população sejam revistas pelas autoridades vigentes, pois infelizmente essas práticas ainda fazem parte do cotidiano dos brasileiros, como é o caso da construção da hidrelétrica de Belo Monte, situada no estado do Pará, em que as cidades de Altamira e Vitória do Xingu terão grandes áreas inundadas, prejudicando os agricultores locais e a população ribeirinha. Além disso, as terras indígenas de Paquiçamba e Arara da Volta Grande do Xingu serão afetadas pela diminuição da vazão do rio, causando prejuízos para uma população que depende do rio para a pesca, a plantação e transporte.

A Construção da Barragem de Bocaina está inserida no período de 1981 -1985. Na década de 1980 o Brasil estava passando por um processo de implantação de projetos que visavam ampliar o desenvolvimento do país. O Nordeste era uma das regiões mais carentes e que mais sofria com os efeitos da seca e da alta inflação que predominava na época. Com o intuito de elevar o crescimento econômico do Brasil, os governos militares promoveram uma forte intervenção do estado na economia, assim vários órgãos foram consolidados com o propósito de alcançar esse aumento dos índices do país.

Nesse sentido, a região Nordeste foi atendida pela ampliação de diversos órgãos que visavam elevar os índices de desenvolvimento e reduzir as disparidades em relação às outras regiões. A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, SUDENE, foi um dos órgãos que atuou de forma decisiva na concretização das ações desenvolvimentistas do Nordeste. A Sudene foi criada através da Lei nº 3.692 de 15 de dezembro de 1959, durante o governo de Juscelino Kubistchek e tinha como meta promover e coordenar o desenvolvimento da região, já que havia uma grande disparidade econômica do Nordeste em relação ao Centro- Sul.

Durante a ditadura militar (1964-1985) foi estimulada a criação de açudes no Nordeste para amenizar os efeitos catastróficos das secas. Em 1981, no governo do Coronel João

Baptista de Oliveira Figueiredo foi iniciada a construção de uma Barragem no município de Bocaina –PI. A cidade de Bocaina está situada no centro sul do estado do Piauí, localizando-se a 22 quilômetros da cidade de Picos.

Imagem 01: Mapa do Estado do Piauí, destacando Picos e Bocaina.



Fonte: Google Imagens

A cidade de Bocaina tem como limite ao norte São João da Canabrava e São Luís do Piauí, ao sul Sussuapara, ao leste Santo Antônio de Lisboa e a oeste São José do Piauí. Apresenta de acordo com dados de 2010 uma população de 4.369 habitantes (IBGE, 2010). O local onde o açude foi construído situa-se a aproximadamente 6 Km da sede de Bocaina e inclui territórios das cidades de São Luís do Piauí e São João da Canabrava, além de Bocaina.

A construção da barragem de Bocaina modificou o cenário de sobrevivência da população bocainense, principalmente dos ribeirinhos, pois o território onde foi implantada a

obra da barragem já era utilizado por várias famílias, o que ocasionou a necessidade de transferências dessas famílias para outras áreas. Ao analisar os impactos da barragem de Bocaina percebe-se que foi tratada de diferentes formas, sendo vista por alguns como positiva e por outros como negativa.

Essa temática possui relevância tanto no âmbito acadêmico como social. Acadêmico porque enriquece a produção do conhecimento dentro dos aspectos da Nova História, ou seja, mostra outra face, a qual não é a do dominante, partindo dos estudos feitos por E. P. Thompson, Raymond Williams, Alessandro Portelli e Josué de Castro, o que traz para a academia a luta organizada de um povo que não se permitiu ficar na condição de oprimido. E social, porque dá voz a uma parcela da população ribeirinha de Bocaina que até pouco tempo passavam despercebidas por suas questões econômicas e suas lutas ideológicas.

Para entendermos os sentidos que os ribeirinhos atribuem a sua experiência de vida em torno do Rio Guaribas assim como sua organização em busca de interesses em comum foi de fundamental importância à teoria do autor Thompson¹ o qual diz que classe não está ligada somente a questões econômicas, mas também a fenômenos culturais que refletem as experiências acumuladas ao longo de sua trajetória de vida.

O autor Josué de Castro² ao enfatizar os hábitos alimentares dos sertanejos em seu livro “A Geografia da Fome” nos fez pensar sobre a importância atribuída pelos moradores ribeirinhos aos alimentos cultivados às margens do Rio Guaribas e também nos fez perceber que a visão de que a alimentação do sertanejo é pobre constitui um equívoco. Castro aponta que a alimentação dos sertanejos é saudável, sendo constituída a partir dos alimentos que estão disponíveis nos meios em que estão inseridos.

Para entender o sentido que o trabalhador rural atribui a sua vida no campo foi de grande contribuição os pensamentos do autor Raymond Williams. Nesse sentido nos ajuda a refletir sobre a valorização que os ribeirinhos atingidos atribuem ao seu modo de vida no passado.

Para compreendermos os sentidos atribuídos pelos moradores ribeirinhos entrevistados à construção da Barragem de Bocaina, fazemos uma análise de memória a partir da visão do pesquisador italiano Alessandro Portelli, o qual nos faz pensar que o indivíduo por meio de suas memórias narra suas próprias experiências de vida. Portelli aponta que os relatos dos indivíduos são permeados de subjetividade, pois é através dessa subjetividade que são

¹ THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**: a Árvore da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987-1988, 3 vols.

² CASTRO, Josué. **A geografia da Fome**. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

expressas os sentidos atribuídos. Dentro desse contexto, as ideias de Portelli se configuram como de crucial importância para entendermos os significados presentes nas memórias das entrevistas colhidas, uma vez que um fato pode possuir diferentes sentidos dependendo da visão em que é interpretado.

Para perceber as propostas desenvolvimentistas e de progresso do estado recorri ao documento disponibilizado pelo 3º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC) de Picos - um folheto que tratava dos objetivos e finalidades da Barragem de Bocaina que se encontrava na casa de uma funcionária deste órgão. Para entender a versão dos ribeirinhos recorri aos documentos do Movimento Educacional de Base (MEB) a mim disponibilizados pela professora Maria Oneide Fialho Rocha, ao livro *Desconstruindo Vidas: histórias submersas no Açude de Bocaina*³, além dos depoimentos de alguns ribeirinhos.

No primeiro capítulo intitulado *As entre faces do “desenvolvimento”*, problematizamos a noção de desenvolvimento, por meio da discussão das contradições existentes entre a visão apresentada pelo Terceiro Batalhão de Engenharia e Construção (3º BEC), órgão responsável pela obra, e o ponto de vista dos moradores ribeirinhos entrevistados. Assim trata-se de demonstrar que um mesmo fato pode ser visto por alguns indivíduos como algo positivo, ao mesmo tempo em que pode ser tratado por outros como prejudicial.

No segundo capítulo *Experiências de vida dos trabalhadores desapropriados da Barragem de Bocaina*, enfatizamos como os moradores ribeirinhos utilizavam as terras às margens do Rio Guaribas antes da Construção da Barragem de Bocaina, com o objetivo de entendermos a atribuição de sentido por essa população às terras que foram desapropriadas. Também, analisamos como os moradores ribeirinhos se uniram e se organizaram na luta e defesa por seus interesses durante o processo de construção da Barragem de Bocaina.

Assim, como todo trabalho de cunho historiográfico o mesmo está cheio de lacunas, não vejo isso como um ponto negativo e sim como uma forma de abrir possibilidades para novos estudos para essa temática que é tão abrangente e impossível de ser explorada na sua amplitude. Por isso, me limito a problematizar o conceito de desenvolvimento, analisar os sentidos atribuídos pelos moradores ribeirinhos entrevistados ao Rio Guaribas e compreender a organização popular desses ribeirinhos.

³ MOURA, Maria; CARVALHO, Michellane. **Desconstruindo Vidas**: histórias submersas no Açude Bocaina. Picos, 2011.

Capítulo 1: As entre faces do “desenvolvimento”

O objetivo deste capítulo é mostrar as contradições existentes acerca da construção da Barragem de Bocaina. Para o poder público a Barragem configurava-se como um projeto desenvolvimentista e que iria trazer grandes melhorias para a qualidade de vida da população. Para a população ribeirinha entrevistada a Barragem de Bocaina trouxe prejuízo e destruição para o seu estilo de vida, sendo efetivada a partir da imposição do poder público. Assim trata-se de problematizar a noção de desenvolvimento.

O significado de desenvolvimento adquire diferentes conotações dependendo do ponto de vista de quem analisa a situação. Neste caso, da construção da Barragem de Bocaina, desenvolvimento possui um sentido para os governantes e outro para os moradores ribeirinhos entrevistados. Para o poder público, “desenvolvimento” seria a construção de uma grande obra que poderia minimizar os efeitos da seca e ainda permitir a introdução de novos gêneros alimentícios, como o melão, a melancia e o tomate. Nesse sentido, o poder público representado pelo 3º Batalhão de Engenharia e Construção (3º BEC) defendia que a Barragem de Bocaina poderia tornar-se um grande reservatório de água que possibilitaria a exploração por meio da utilização do potencial irrigador, servindo como uma fonte de riqueza para a região.

Para a população entrevistada que vivia às margens do Rio Guaribas “desenvolvimento” era viver bem ao seu modo: ter moradia; ter terras para plantar (terras essas que estavam localizadas próximas às águas do Rio Guaribas); alimentação; alimentos para os animais, e isso aparentemente, eles já tinham sem a construção da barragem. Ao longo do texto, iremos perceber que a construção da Barragem é vista pelos ribeirinhos entrevistados como algo que destruiu suas casas, desapropriou suas terras, modificou suas plantações e alterou suas sociabilidades.

1.1- “Diretamente e indiretamente seriam 75.000 habitantes beneficiados!”

As circunstâncias históricas da construção da barragem de Bocaina - Piauí estão inseridas no contexto político do capitalismo brasileiro. Configura-se como estratégia da política econômica dos governos militares que estabeleceram prioridades de desenvolvimento,

através de planos desenvolvimentistas⁴. O projeto de Construção da Barragem de Bocaina insere-se na orientação política que havia decidido pelo aproveitamento máximo dos recursos hídricos para o abastecimento de água, o uso hidro agrícola e o amortecimento de cheias do Rio Guaribas.⁵

Na região, o Jornal Macambira⁶ veiculava com maiores detalhes os benefícios da construção da Barragem de Bocaina para os moradores da região. Sua ênfase seria que essa obra geraria desenvolvimento sócio econômico, através do controle das enchentes do Rio Guaribas e do potencial para irrigação, permitindo dessa forma, a ampliação das culturas tradicionais já existentes, assim como a introdução do cultivo de novos produtos:

Estudos socioeconômicos preveem o cultivo em larga escala das principais culturas exploradas na região, dentre as quais destacam o algodão, feijão, milho, cebola, e alho, e ainda a implantação de novas culturas de frutas e hortaliças em geral.⁷

A implementação dessa obra deu-se em um momento em que o município de Bocaina e outras regiões vizinhas passavam por grandes dificuldades de sobrevivência em relação à escassez de água, ocasionada pela ocorrência de grandes secas. A seca que assolava a região de Bocaina não era algo diferente do que ocorria na maior parte do nordeste brasileiro, pois embora existam diferentes tipos, causas, consequências e períodos de duração esta é uma constante na trajetória histórica e climática da região nordeste.

Para o autor Manuel Correia de Andrade a seca nordestina pode ser anual ou periódica, sendo que a periódica apresenta graves problemas para a sobrevivência das pessoas, enquanto a anual é menos sentida pela população, pois já faz parte do cotidiano frequente em que as pessoas estão inseridas:

Há dois tipos de seca no Nordeste, a anual, que dura de sete a oito meses, correspondendo ao longo período de estio entre dois períodos chuvosos de três a quatro meses, e que não se constitui um grande problema, de vez que o sertanejo já

⁴ Durante os governos militares foram lançados os planos: Plano de Ação Econômica do Governo (1964/1969); o I Plano Nacional de Desenvolvimento (1970/1974) ; o II Plano Nacional de Desenvolvimento(1975-1979) e o III Plano Nacional de Desenvolvimento(1980-1985). Esses planos tinham o objetivo de elevar o crescimento econômico do Brasil e de controlar a inflação.

⁵ Rio Perene que tem sua bacia situada no sudeste do estado do Piauí. Totalmente inclusa na região semi-,árida, constitui-se de 18 municípios, representando aproximadamente 6% da população piauiense.

⁶ O jornal Macambira foi fundado em 22 de dezembro de 1975, funcionando como um informativo do Campus Avançado De Picos/ Piauí da Universidade Federal de Goiás em parceria com o projeto RONDON. O jornal Macambira adotava uma linha editorial socioeducativa e cultural em que era divulgadas informações sobre a estrutura, a história, a economia, a política e a cultura da cidade de Picos, sendo um jornal livre vendido nas bancas e de circulação nas escolas.

⁷ **Sem título.** Jornal Macambira. Picos, 30/03/1983. P. 4

está adaptado a ela e dispõe de reservatórios d'água que dão para atravessar este período. Ao lado desta existem as secas periódicas, de difícil previsão e que se efetivam quando em um período normalmente chuvoso – dezembro a março – não caem as chuvas esperadas, fazendo com que aquele período seca de sete a oito meses se estenda por dois e às vezes três a quatro anos.⁸

Em Bocaina, no período de construção da Barragem as pessoas vivenciavam os efeitos dessas duas realidades: secas anuais e secas periódicas, em que a produção agrícola e o fornecimento de água foram reduzidos. No que diz respeito à insuficiência de gêneros agrícolas a senhora Maria Natércia nos fala sobre os anos de 1982 e 1983:

Em 1982 e 1983 num tiramo quase nada. O feijão qui agente tirou foi apenas uns cuzinhados, mas andou foi longe de dar para o consumo. Arroz a gente num tirou nada. Ai a gente fazia era comprar, com o dinheirinho qui recebia da emergência da barragem e com o dinheiro qui a gente apurava vendendo os bichos. Papai mesmo vendeu muito gado para comprar alimento.⁹

A ocorrência de poucas chuvas gerava uma grande escassez de água tanto para o consumo humano como para os animais existentes na região. Uma estratégia adotada para tentar suprir essa carência das pessoas era o abastecimento de água proporcionado através da utilização de carros pipas:

Em 1982 e 1983 aqui estava de seca, agente recebia água de carro pipa que o bataião mandava. Nesse tempo foi construído cisternas, ai a água era botada nessas cisternas um dia e outro não. A gente usava essa água pra tudo porque num tinha outra. No dia qui tinha mais água com fartura agente lavava roupa, quando era mais escassa a gente num lavava, deixava pra o dia qui tivesse mais. Agente tinha qui economizar a água porque era muita gente qui as pipas carregavam água.¹⁰

Além da escassez de água era constante a falta de alimentos para os animais, os quais chegavam muitas vezes a morrerem por falta de comida:

Em 1982 a gente tinha um feijão velho guardado ai dava as criação. Agora em 1983 num sei nem como os bichos escaparam, pois hoje a gente recebe uma ajuda do governo e compra ração. Agora naquele tempo agente fazia era derrubar juazeiro e queimar mandacaru para os bichos e também dava farinha aos bichos, pois nesse tempo a farinha era barata, porque o povo tinha muita mandioca, lá em casa agente tinha era uns pote cheio de farinha e quem comeu foi os bichos não foi gente não. Só qui teve muitos bichos qui enfraqueceram e acabaram morrendo com a seca¹¹

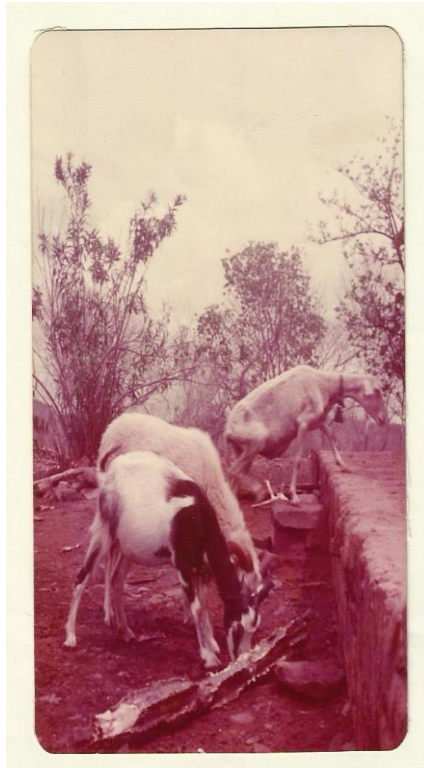
⁸ ANDRADE, Manuel Correia de. **A intervenção do Estado e a seca no Nordeste do Brasil**. Revista de Economia Política, vol. 6, n° 4, 1986. p. 126.

⁹ GOMES, Maria Natércia. Depoimento concedido a Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina 2013.

¹⁰ Idem .

¹¹ GOMES, Maria Natércia. Depoimento concedido a Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina 2013.

Imagem 02: situação de seca dos animais, compreendido entre os anos de 1979 -1983



Fonte: acervo pessoal da professora Maria Oneide Fialho Rocha.

Assim, a seca era um problema que dificultava a sobrevivência da população de Bocaina. Segundo Rocha:

Por cerca de cinco anos, a seca assolava a região, abrangendo o período de 1979 a 1983. A realidade era de grande dependência política e de muitas carências. O povo desorganizado, descrente de sua própria capacidade, desconhecia sua força transformadora. A grande maioria de homens, mulheres e até crianças para sobreviver eram obrigadas a se submeterem ao trabalho nas frentes de serviço na construção da barragem e nas outras áreas do “bolsão da seca”.¹²

As frentes de serviço descritas no relato acima eram precárias para os trabalhadores, uma vez que eles eram transportados de caçamba de suas residências até o local da obra da barragem de Bocaina de madrugada e só retornavam à noite, eles chegavam a trabalhar cerca de onze horas por dia, e, além disso, quando iam de madrugada já tinham que levar comida

¹² ROCHA, Maria Oneide Fialho. Movimentos Sociais: ação sócio-política na região de Picos a partir da ação sócio-educativa do Movimento de Educação de Base-MEB, no período de 1985-1995. Recife, 2011. In: MEB, 1983.

feita de casa, pois não eram oferecidas refeições no local de trabalho. José Olímpio, que na época trabalhou na frente de serviço, fala um pouco de como era esse trabalho:

O trabalho era muito sofrido, porque o horário era muito grande, o Bataião era quem tava de conta e cobrava onze horas de serviço das pessoas,. Nois entrava 6:00 hs da manhã, ai parava 12:00 hs e voltava 1:00 hs da tarde e só parava 6:00 hs da tarde. A alimentação cada qual levava, só os que fosse carpinteiro ou pedreiro ai tinha a alimentação, porque esses trabaivam não era por a emergência, era contratado pelo bataião mesmo.¹³

Ainda em relação à seca, a insuficiência de água era afetada pela falta de poços, açudes e outros reservatórios que garantissem o abastecimento de água. Além disso, ocorriam empecilhos para o desempenho da lavoura e da pecuária, sendo que a maioria da população retirava o seu sustento das atividades agrícolas.

Para os moradores de Bocaina que cultivavam as terras próximas ao Rio Guaribas a situação era mais favorável se comparada às pessoas que não tinham propriedades próximas a esse rio. O Rio Guaribas se constituía como um rio perene em que garantia a existência de água durante todo o ano, existindo períodos de cheias e períodos de secas, mas que mantinha em seu leito vazante que permitia o cultivo agrícola. A bacia do Rio Guaribas está localizada na mesorregião do sudeste piauiense, entre os paralelos 6° 30' e 7° 24' de latitude sul e entre os meridianos 40° 18' e 41° 88' de longitude a oeste de Greenwich, possuindo 8.415 Km². Situa-se no semiárido piauiense e abrange os municípios de: Alagoinha do Piauí, Alegrete do Piauí, Bocaina, Campo Grande do Piauí, Francisco Santos, Fronteiras, Geminiano, Monsenhor Hipólito, Picos, Pio IX, Santana do Piauí, Santo Antônio de Lisboa, São João da Canabrava, São José do Piauí, São Julião, São Luís do Piauí, Sussuapara e Vila Nova do Piauí.¹⁴

A ocorrência das cheias do Rio Guaribas tinha efeito diretamente sobre a cidade de Picos, pois quando ocorriam fortes enchentes as casas dos moradores de Picos situadas às margens do Rio Guaribas eram inundadas e as suas plantações destruídas. Segundo Sousa e Elias as enchentes do Rio Guaribas causavam grande destruição nas moradias dos moradores de Picos da zona urbana e em 1960, a cheia ocorreu de forma mais intensa, como mostra o trecho abaixo:

As cheias do rio eram motivo de preocupação todos os anos, pois frequentemente casas ficavam debaixo d'água e famílias desabrigadas. Mas no ano de 1960, ocorreu

¹³ GOMES, José Olímpio. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

¹⁴ FILHO, João Soares da Silva. **Indicadores de desenvolvimento sustentável nos municípios da bacia hidrográfica do Rio Guaribas**. Teresina, 2004.

um desastre no município, com a inundação de todo o centro urbano e adjacências, constituindo um momento de desespero para a população picosense, que nunca tinha visto aquilo acontecer na cidade.¹⁵

O senhor Dimás Lelis em entrevista concedida à Marcos Vinicius Holanda Sousa em 2012 falou sobre algumas causas do impacto das cheias do Rio Guaribas de 1960:

A cheia de 1960 foi maior porque essa BR [316] serviu de parede pra água que vinha da Ipueiras, daquele lado, e o rio Guaribas começou a passar e o rio se encontrou com o Riachão, que também botou muita água e quando eles se encontraram a destruição foi grande, a água não tinha pra onde passar e invadiu a cidade. Ali na Rua São José, Santo Antônio deu foi nado!¹⁶

A existência da BR 316 foi fator que contribuiu para o aumento do nível de água sobre a cidade de Picos, sendo que essa foi construída pelo 3º BEC, órgão que representava o poder público e cujo projeto estava inserido no contexto de desenvolvimento implementado pelos governantes militares que promoveram tanto a Construção da Barragem de Bocaina, como também a construção da BR 316.

Diante do cenário de secas e de fortes enchentes do Rio Guaribas a região de Bocaina foi contemplada com a Construção de uma barragem na zona rural deste município, a qual abrangia territórios das localidades de Malhada Grande (atual Barragem), Curral Velho, Varjota e Barreiras e Barrocas. De acordo com documentos cedidos pelo 3º BEC de Picos (Batalhão de Engenharia e Construção) a finalidade da Barragem de Bocaina era “a regularização da vazão do Rio Guaribas para fins de uso hidroagrícola, a irrigação do vale a jusante, abastecimento das populações e amortecimento de cheias.”¹⁷

Esses fins indicavam que a Barragem poderia ampliar a capacidade de plantações para a população ribeirinha e, por conseguinte gerar um maior aproveitamento dos recursos hídricos. A exploração do potencial irrigador da Barragem geraria um aumento das áreas destinadas para o plantio e o cultivo em grande escala de produtos primários, o que seria importante para suprir as necessidades familiares e para a venda como um meio de obtenção de dinheiro, em uma região em que o uso da moeda era escasso para as pessoas residentes no

¹⁵ SOUSA, Marcos Vinicius Holanda Sousa; ELIAS, Juliana Lopes. **A cidade em perspectiva: as mudanças espaciais e urbanísticas na cidade de Picos (PI) no período de 1960- 1980.** VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar, Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI, 2012.

¹⁶ SOUSA, Marcos Vinicius Holanda Sousa; ELIAS, Juliana Lopes. **A cidade em perspectiva: as mudanças espaciais e urbanísticas na cidade de Picos (PI) no período de 1960- 1980.** VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar, Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI, 2012. In: LÉLIS, Dimas Leopoldo. Entrevista concedida à Marcos Vinicius Holanda Sousa. Picos, 2012.

¹⁷ 3º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO. “Açude Bocaina”. 1º Grupamento de Engenharia e Construção./ SUDENE. (Mimeo) .S/D. Pag. 2.

campo e que retiravam o seu sustento e o de sua família da agricultura. Como mostra a citação abaixo:

Naquele tempo ninguém era aposentado, o dinheiro qui a gente apurava era quando vendia uma carga de arroz ou de feijão ou intão quando matava um animal e apurava. Nós não tinha outro meio, tirava nosso sustento e o de nossa família era do nosso suor, com o trabalho da roça.¹⁸

A construção da Barragem de Bocaina configurava-se como uma possibilidade de ampliação do cultivo de produtos que antes eram realizados em pequena quantidade e ao mesmo tempo a introdução de novos gêneros agrícolas, tendo assim a oportunidade de ampliação do cultivo do alho para áreas situadas fora do leito do rio, a implantação da cultura do melão, da melancia e do tomate, além do aumento da plantação dos cultivos tradicionais nas áreas mais altas como feijão, milho, arroz e banana e da oportunidade de exploração da pecuária semiextensiva¹⁹.

Além das melhorias nos aspectos agropecuários os documentos cedidos pelo 3º BEC de Picos apontam que a Barragem de Bocaina iria ter um volume d'água acumulada de 106.000.000 m³, tendo uma possibilidade de irrigação de 2.000 há e de abastecimento de 106.000 habitantes.²⁰

Além disso, esses documentos sugerem que a Barragem abriria possibilidades para a expansão do abastecimento de água para outras regiões, principalmente para a cidade de Picos. Os “estudos socioeconômicos” sobre a construção da Barragem apontavam que a sua água seria utilizada também, para o abastecimento de água na cidade de Picos, através da implantação de um sistema de encanação que levaria água para a cidade, uma vez que a localização geográfica e sua capacidade de acumulação de água (106.000.000 m³) permitia fazer esse abastecimento de cerca 27 quilômetros de distância, assim a população direta ou indiretamente beneficiada pela barragem seria de 71.000 habitantes de Picos e de 4.000 habitantes de Bocaina.²¹

A perspectiva era de que fosse expandida para outras regiões como o caso de Picos, sugerindo que o potencial hídrico da Barragem de abastecimento de 106.000 habitantes iria

¹⁸ NETO, Cândido da Rocha. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

¹⁹ 3º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO. “Açude Bocaina”. 1º Grupamento de Engenharia e Construção./ SUDENE. (Mimeo) .S/D, Pag.4-5.

²⁰ 3º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO. “Açude Bocaina”. 1º Grupamento de Engenharia e Construção./ SUDENE. (Mimeo) .S/D, Pag. 2.

²¹ Idem.

ser aproveitado e não iria ficar só acumulado sem ser explorado em benefício da população, ou sendo usada em prol de uma pequena minoria.

Os dados acima citados evidenciavam, de acordo com a visão defendida pelo poder público, que os moradores não iriam sofrer prejuízos com a implantação da Barragem, pois eles só tinham a ganhar com os futuros benefícios que ela iria proporcionar, uma vez que os que tivessem suas terras atingidas iriam ser ressarcidos com um valor que permitiria que comprassem outras terras. A realização da construção da Barragem de Bocaina integrava um projeto de desenvolvimento da região e que iria trazer muitas melhorias para a qualidade de vida dos moradores de Bocaina, assim o município tinha sido contemplado com uma grande obra que o levaria ao desenvolvimento.

1.2-Benefícios para quem?

Há quem diga que a construção da barragem de Bocaina foi boa. Agora para eu ela nunca trouxe vantagem, pois nunca fui pescador, o dinheiro foi só o que recebi da indenização da desapropriação, mas a inflação comeu, acabou. As terras que eu tinha para plantar lá eram melhores, do que as que eu tenho aqui. As de lá para feijão e melancia eram de primeira. Ainda hoje eu tenho o sabor das melancias de lá, e dos banhos que eu tomava, A “piscina” quem escolhia era eu, eu conhecia todas: a mais funda, a mais rasa.²²

A narrativa do senhor Cândido da Rocha Neto, embora única e pessoal, é representativa de muitos trabalhadores. O trabalhador Cândido morava às margens do Rio Guaribas e teve a sua moradia e suas terras desapropriadas pela construção da barragem. Ele aponta que não foi beneficiado pela realização, pois suas terras ficaram encobertas pela água e as que ele adquiriu com o dinheiro pago pela indenização não são tão boas quanto as que eles possuíam antes. Não é pescador para aproveitar o potencial da criação de peixes da barragem e que o único benefício que recebeu com a construção da Barragem foi o dinheiro da indenização da desapropriação de suas terras, mas que com pouco tempo tinha acabado, pois a inflação era muito alta naquele período.

Retomar as experiências de vida dos habitantes desapropriados com a Construção da Barragem de Bocaina permite à visualização da maneira pela qual esses trabalhadores atribuem significados a implantação dessa obra. Comparando a visão desses moradores e o ponto de vista propagado pelo poder público percebemos que existem contradições e divergências quanto a forma de conferir sentido a construção da Barragem de Bocaina. Enquanto o poder público baseava-se em um discurso desenvolvimentista, os ribeirinhos

²² NETO, Cândido da Rocha. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

desapropriados apontam que a barragem não trouxe tantas melhorias para a população como um todo.

Diante das palavras do morador Cândido percebemos que a noção de desenvolvimento propagada pelo poder público não atingiu todos os moradores da região, mas que, ao contrário, trouxe prejuízo e destruição dos seus modos de vida. Assim, torna-se necessário analisar a construção da Barragem de Bocaina a partir do ângulo que apresenta o ponto de vista dos moradores atingidos diretamente pela construção da obra, pois a realização de uma obra como essa muitas vezes não traz progresso e desenvolvimento como pode parecer à primeira vista, mas a exclusão das pessoas menos favorecidas da região.

A construção da barragem de Bocaina na visão dos moradores entrevistados da região destruiu suas terras, suas moradias e suas plantações, ao mesmo tempo em que não só trouxe melhorias significativas, prometidas pelo poder público, mas também trouxe alguns prejuízos, uma vez que não foi implantado sistema de irrigação para ampliação dos cultivos já existentes ou para a introdução do cultivo de novos produtos, o abastecimento de água não foi estendido para as regiões circunvizinhas. Além disso, os moradores colocam que a implantação da obra foi uma imposição do poder público sem ocorrer um consenso entre ambas as partes, e que os benefícios propagados não chegaram até eles, tendo a obra confiscado suas terras às margens do Rio Guaribas.

Ao falarmos de “grandes” projetos de desenvolvimento percebemos que podem não significar melhorias na qualidade de vida de toda a população, uma vez que tendo por base o historiador inglês Edward Thompson²³ em seu trabalho *A formação da Classe Operária Inglesa – a Maldição de Adão*- onde ele nos adverte sobre os efeitos conduzidos pela Revolução Industrial para a vida dos trabalhadores que viviam nas cidades industriais baseadas no trabalho fabril. Nesse sentido, aponta a proliferação de epidemias devido à habitação em moradias em péssimas condições de saneamento, o aumento da exploração do trabalho infantil nas fábricas e das jornadas de trabalhos, que além de serem elevados, os salários pagos eram muitos baixos. Isso sem falar no desemprego estrutural ocasionado pela substituição do trabalho manual pelas máquinas, sendo que atividades antes desenvolvidas por um grande número de trabalhadores para realizá-las, com as máquinas era possível de ser realizada por uma única pessoa. Trazendo para o contexto desse trabalho monográfico a Revolução Industrial seria a Barragem de Bocaina e os trabalhadores seriam os ribeirinhos como vamos perceber na fala de alguns depoentes no decorrer deste trabalho.

²³ THOMPSON, Edward P. **A Formação da Classe Operária Inglesa II: a maldição de Adão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. v.2. 342 p.

Embora a construção da Barragem de Bocaina e a Revolução Industrial estejam situadas em espaços e tempos diferentes, fazem parte de um contexto onde ficam explícitos dois pontos de vista: de um lado à classe dominante, de outro a luta de um povo organizado. Não é simplesmente uma questão de ideologia e de beneficiados, mas o sofrimento da população ribeirinha que começou desde o início da Construção da Barragem com a exploração nas frentes de trabalho:

Imagem 03: frentes de trabalho na Construção da Barragem de Bocaina



Fonte: acervo pessoal da professora Maria Oneide Fialho Rocha

O que era visto pelo 3º BEC, órgão responsável pela construção da Barragem de Bocaina, como um benefício para a sociedade, não significa necessariamente que tivesse o mesmo sentido para a população ribeirinha. O poder público concentrava a sua preocupação em demonstrar que estavam investindo na melhoria das condições sociais das classes menos favorecidas, sem ter a preocupação em analisar se o que era considerado por eles como desenvolvimento e melhorias das condições sociais era percebido dessa mesma forma pelos moradores que habitavam a região.

A construção da Barragem de Bocaina se efetivou sem que houvesse por parte dos moradores conhecimento acerca da forma em que o processo iria se desenvolver. A sensação que muitos trabalhadores tiveram quando viram chegar um grupo de pessoas estranhas na região foi de curiosidade. Isso levou a atração de suas atenções para saberem que rumos iam ser percorridos pela obra, e que aspectos de suas vidas iriam ser alterados. Para muitos dos habitantes ribeirinhos verem um grupo de pessoas desconhecidas em suas terras era algo a ser tido com desconfiança e medo, pois eram acostumados a conviver somente com pessoas que sabiam onde morava, o nome, o que faziam enfim, conheciam o seu cotidiano. Por isso, se deparar com pessoas desconhecidas era uma realidade diferente da que viviam. Nesse sentido, o senhor Cândido Neto coloca:

De tempos em tempos chegavam uma turma desconhecida. Ninguém sabia quem era. Um tempo veio um Teco-Teco e Lampião e outros trabalhadores abrindo aceiros. Diziam era para fazer uma barragem no Rio Guaribas, ai cavaram uns buracos no chão na Jirunga, onde diziam que era para fazer a parede, depois uns engenheiros mudaram de lugar, resolvendo fazer lá em baixo, onde é hoje. De tempos em tempos vinha uma arribada, depois deixavam apagar de novo. Um dia eu vinha da Bocaina ai tinha uma turma abrindo acero, ai perguntei o que era, disseram que era para brocar e fazer uma casa, uma residência, que era para atacar o serviço da barragem. Desse dia para cá não apagou mais direito o serviço. Eu morava lá ai fiquei prestando atenção e o negócio foi esquentando, mas logo chegou o maquinário, depois chegou o capitão Lucio Flávio, tinha também um capitão Luís, que chamavam de capitão Cunha. O capitão Cunha fez um escritorzinho na Bocaina e tomou de conta para fazer a desapropriação e o Lucio Flávio ficou com a turma botando para trabalhar. O Lucio Flávio era quem dava o grito na turma, gente boa é porque não tem quem faça o gosto de todo mundo, tinha que ser daquele jeito se não o povo não obedecia. Daí em diante não parou mais, esses aceiros foi em 1981 e só parou quando terminaram a obra²⁴.

Quando o senhor Cândido coloca que o Capitão Lucio Flávio era autoritário para com o povo, mas tinha que agir daquela forma para ser obedecido, o seu Cândido está fazendo o uso da interpretação dos fatos, atribuindo –lhes subjetividade, uma vez que o fato era que o capitão era autoritário, porém o senhor Cândido ao analisar a sua atitude justifica argumentando que era uma estratégia para ser obedecido. Assim, as pessoas ao narrarem os fatos expressam o significado que os fatos têm na sua experiência de vida. Nesse sentido o pesquisador italiano Alessandro Portelli coloca que:

A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados.²⁵

O uso da expressão “só pararam quando terminaram” é algo constante nas falas dos entrevistados, pois eles já tinham visto várias vezes pessoas vindas de fora (estranhas) fazerem aceiros²⁶, marcarem os pontos de limites de Construção da Barragem de Bocaina e não ser iniciada a obra. Então, talvez esses moradores pensassem que o serviço de implementação da Barragem iria ser paralisado em pouco tempo, uma vez que a suspensão de obras era uma constante nas tarefas desempenhada pelo poder público. Porém à Construção da Barragem de Bocaina teve um destino diferente, pois quando iniciaram de fato a construção esta não foi paralisada enquanto não foi dada por concluída.

²⁴ NETO, Cândido da Rocha. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

²⁵ PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos**. Revista tempo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

²⁶ Espaço desbastado de vegetação.

A percepção de seu Cândido diante da construção da barragem de Bocaina foi de espanto, pois ele viu essas pessoas desconhecidas chegando e modificando o local. Com o passar dos dias e com o andar da obra o Sr. Cândido percebeu que iria ser construído uma barragem e que ele teria que se retirar do local onde morava, pois não dava para ficar “morando debaixo da água.”

Parte dos moradores, principalmente os que moravam na zona rural e que não possuíam escolaridade, ficou sabendo da construção da Barragem de Bocaina de forma vaga, sem haver conhecimento dos benefícios ou dos malefícios em que ela iria trazer. O poder público não teve a preocupação em estabelecer um diálogo com essas pessoas e esclarecer os objetivos, configurando-se, dessa forma, como uma imposição do poder dos governantes em que muitos dos habitantes da região não sabiam de forma clara nem o que seria construído, quanto mais às transformações que iriam ocorrer. Assim esses trabalhadores rurais ouviam falar que iria ser construída uma Barragem através da fala de terceiros, pois os organizadores da obra não chegavam e prestavam informações diretamente para eles e os meios de comunicações utilizados para divulgação da obra eram na maioria das vezes inacessíveis para as pessoas residentes na zona rural.

No que diz respeito à desapropriação para a construção da Barragem de Bocaina, de acordo com documentos cedidos pelo 3º BEC, seria de 48 propriedades de forma integral e de 155 propriedades de forma parcial, a relocação da infra – estrutura física de 2.535 m de linha de transmissão da CEPISA, 1500 m de estrada estadual, duas pequenas igrejas, dois grupos escolares e um cemitério público. E que ainda os atingidos iriam ter as suas terras indenizadas e iriam receber um valor como ressarcimento de suas propriedades, que permitiam que reconstruíssem as suas vidas em outros locais. Até 1985 foi destinado o custo de Cr\$ 1.1235.000.000 para a desapropriação, mas que seria aumentado com o novo índice que seria publicado em portaria Minter, com validade para janeiro de 1986 (no mínimo, o dobro do valor atual).²⁷

Porém a desapropriação das terras se deu de forma imposta sem que houvesse um diálogo com as pessoas atingidas para verem se elas eram de acordo a se retirarem de suas terras, é o que encontramos na fala do Sr. Cândido Neto, de 82 anos. No meio da conversa perguntei-lhe se ocorreu alguma reunião com o poder público para oferecerem a proposta dos moradores se retirarem do local para a construção da Barragem. Sua resposta foi contundente:

²⁷ 3º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO. “Açude Bocaina”. 1º Grupamento de Engenharia e Construção./ SUDENE. (Mimeo) .S/D. Pag. 4.

Não. Ninguém não perguntou se nós queria sair ou não, quem não aguentasse ficar morando dentro da água tinha que sair! Foi uma sugestão. Eu vim para aqui, para as terras de papai porque eu sabia que tinha onde me arrancar, mas eu vim porque tinha que vim, se não eu ainda tava lá! Lá eu me julgava rico em uma parte, morei lá 26 anos, tinha a correnteza da água zoando direto, toda noite no tempo do calor quem escolhia o lugar de banhar era eu, porque tinha poços com água de toda fundura, ficava lá o tempo que queria e ninguém me dizia nada, água lá tinha muita, mas tive que sair porque a parede ia tomar de água, ia represar e cobrir tudo de água como cobriu, por isso tinha que sair.²⁸

A entrevista acima mostra que muitos moradores saíram de suas terras, mas que não estavam convencidos dos possíveis benefícios que a obra poderia trazer, sendo que se obra não tivesse se efetivado, muitos ainda morariam á margem do Rio Guaribas, pois consideravam o lugar de localização propícia para suas habitações. Ainda hoje existem saudades da correnteza das águas do Rio Guaribas que faziam parte do seu cotidiano diário e de suas práticas costumeiras, sendo que a saída para outras regiões nem sempre possibilitou uma localização viável próximo a um rio e a terras férteis como as de antes.

A autora Rocha também comentou sobre esse processo de arbitrariedade e abuso do poder presente na construção da barragem de Bocaina:

Em julho de 1981, foi iniciada a construção da barragem, localizada a 30 km de Picos – PI. Todo o processo foi realizado de maneira autoritária, a revelia dos moradores, sem observância da lei que assegura aos proprietários uma previa indenização de suas terras, segundo o artigo 153, paragrafo 22, da lei de desapropriação da Constituição Federal.²⁹

No entanto, os atingidos de Bocaina vivenciaram a realidade em que só tiveram suas terras indenizadas depois que entraram com uma ação na justiça e paga de acordo com os modos do BEC como veremos com maiores detalhes no segundo capítulo. A implantação da obra foi imposta de forma autoritária sem o próprio conhecimento dos moradores que rumos iriam ser percorridos pela obra. De acordo com o MEB (Movimento de Educação de Base):

Todo o processo de Construção da Barragem é montado numa situação de injustiça, de violência. Diante disso, é grande o clamor do povo que assim se expressa:
 “Eles entraram aqui sem perguntar nada a ninguém”
 “Nós só via era as máquinas destruir tudo”
 “As máquinas quebraram os arames, destruíram as roças...”
 “Ninguém pergunta nada a gente”
 “Faz 63 anos que eu moro aqui”
 “Nos paga a terra e não tem direito nela”
 “A escravidão não acabou, nos aqui vive como escravo”

²⁸ NETO, Cândido da Rocha. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013

²⁹ ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Movimentos Sociais:** ação sócio-política na região de Picos a partir da ação sócio-educativa do Movimento de Educação de Base-MEB, no período de 1985-1995. Recife, 2011.

“Chego do trabalho às 8h da noite, acordo às 12h para fazer a comida. 3h da manhã já tenho que sair de casa para pegar a condução”
 “Pra nós não vai sobrar nada”
 “Tem dias que acordo sem ter nada para dar as crianças para comer. Esta menor treme como um gado, só de fome”
 “Só vai a gente se unindo”
 “tem que ser os pequenos com os pequenos”³⁰

Essas expressões vindas dos moradores ribeirinhos da barragem de Bocaina são reflexos dos sentimentos atribuídos à Construção da Barragem de Bocaina e foram recolhidas pelos membros do MEB no ano de 1982 quando estavam fazendo um trabalho social de orientação as famílias ribeirinhas atingidas. Nas sextas-feiras membros do MEB viajavam para realizarem visitas às residências dos atingidos e só retornavam no domingo.

As falas dos ribeirinhos presentes no documento do MEB sugerem que ribeirinhos reclamavam da implantação de uma obra em que eles não tiveram conhecimento prévio dos seus efeitos e que trouxe grandes modificações no seu contexto de sobrevivência. Porém as suas reclamações não foram atendidas e as máquinas penetram em suas terras destruindo o que tinha. Esses moradores apontam que para eles a barragem não iria trazer benefício e que mesmo eles tendo comprado a terra eles não exerciam direito sobre elas, pois estavam sendo destruídas sem sua permissão. Além disso, os trabalhadores identificam –se como escravos em que possuem uma longa jornada de trabalho e que não ganham dinheiro suficiente para comprar comida para sua família: “as crianças passam fome”. Diante disso, os moradores mencionam que somente com a união destes é que eles podem reivindicar por melhores condições de vida.

Se compararmos a fala dos entrevistados recolhidas em 2013 e este documento do MEB, produzido na década de 1980, percebemos que o argumento de que o 3º BEC entrou nas propriedades privadas sem autorização dos donos é constante e também que os proprietários não foram esclarecidos quanto aos rumos que a Barragem iria percorrer. Entre a produção do arquivo do MEB, que representa falas dos moradores ribeirinhos e as entrevistas já se passaram 31 anos e a memória do processo de arbitrariedade e autoritarismo continua presentes nas lembranças das pessoas, uma vez que marcaram significativamente fatos ou eventos ligados a sua trajetória de vida.

No que diz respeito ao valor que os atingidos entrevistados da Barragem de Bocaina receberam pela desapropriação de suas terras o Sr. Helvídio coloca que foi paga de acordo com os interesses do 3º BEC e que mesmo para receber aos modos do 3º BEC foi necessária a

³⁰ MEB, 1982. Fonte: arquivo pessoal da professora Maria Oneide Fialho Rocha.

intervenção da Igreja (através da figura do bispo diocesano D. Augusto) e do Movimento Educacional de Base (MEB):

Não havia, no meu ponto de vista, pretensão do BEC em indenizar. Isso eles chegaram, estava com mais de ano, que estavam lá dentro das propriedades do pessoal, inclusive, a casa de Dona Isabel, lembro ainda, foi uma das primeiras a ser afetada com a presença das máquinas, porque a estrada que liga Bocaina à barragem passava justamente na propriedade dela, e chegaram derrubando a cerca sem pedir licença a ninguém. Então, foi uma das famílias afetadas desde o início, e depois de um ano, foi quando a diocese entrou com essa ação, junto às, reivindicando essa indenização, que era direito das famílias, começou a organização, aí foi que o BEC resolveu a montar uma equipe que passou a tentar descobrir ainda os limites das propriedades, que já tava tudo destruído, mato [...] cavando, retirando material e tudo mais. Mas para receber mesmo do modo do BEC, só receberam a partir do movimento criado pelos camponeses com o incentivo da diocese. Eu confirmo que fazia mais de ano que o BEC estava lá na região, e não se falava até então em indenizar ninguém, era só destruir.³¹

O Sr. Helvídio coloca que os ribeirinhos foram tratados pelo 3º BEC como indivíduos ignorantes, que não tinham direito nem mesmo dentro das suas propriedades, pois o BEC adentrava dentro das propriedades sem pedir permissão a ninguém. Nesse sentido o 3º BEC age como um órgão superior que se acha no direito de fazer intervenções nas terras de particulares sem consultas ou prestações de informações. Isso sugere que a Construção da Barragem se efetivou a partir da ótica autoritária em que a indenização foi paga de acordo com a quantia estipulada pelo 3º BEC sendo vista pelos ribeirinhos entrevistados como injusta “do modo do BEC”, pois a sua ação judicial pedindo indenização justa não alcançou êxito, como veremos com maiores detalhes no segundo capítulo.

Além disso, os ribeirinhos entrevistados apontam que o dinheiro proveniente da indenização se acabou em pouco tempo, devido ao alto índice inflacionário que predominava na época. No Brasil no período de 1981 - 1985, intervalo de tempo que compreende a construção da Barragem de Bocaina e a desapropriação das terras. O aumento nas taxas de inflação chegaram a superar o índice de 200% ao ano. A tabela abaixo representa de forma detalhada a inflação predominante no Brasil neste período:

Tabela 01: Índice Geral de Preços – disponibilidade interna (IGP-DI) compreendido entre o período de 1981-1985.³²

ÍNDICE GERAL DE PREÇOS –

³¹ LIMA, Helvídio João de. Depoimento concedido à Hortência de Moura Costa, Picos, 2014.

³² Fonte: Ipeadata.

DISPONIBILIDADE INTERNA (IGP-DI)	
Período	Percentual Anual(%)
1981	95,20
1982	99,72
1983	210,99
1984	223,81
1985	235,11

Com esses altos índices inflacionários o dinheiro sofria enormes desvalorizações. Essas variações afetaram os moradores desapropriados da Barragem de Bocaina, pois o dinheiro recebido das indenizações sofreu uma grande desvalorização em virtude das taxas inflacionárias, como mostra o trecho abaixo: “Ai fui lá no banco eles chamaram Cândido da Rocha Neto venha receber seu dinheiro, eu senti uma frieza: o dinheiro era muito, só que deu um desastre era um inflação grande, com poucos dias o dinheiro tinha acabado”.³³

O fato de o entrevistado apontar que o dinheiro recebido da indenização era muito pode estar associado a sua falta de costume em utilizar dinheiro em espécie, pois o uso da moeda era algo escasso na região, sendo que o meio de sustento das famílias era através das atividades agrícolas.

Os valores pagos pelas terras desapropriadas com a Barragem de Bocaina variaram de acordo com a cultura que era cultivada na propriedade e com os investimentos que se tinham no local. Sendo mais valorizadas plantações permanentes e moradias construídas. Nesse sentido é importante mencionar que o pagamento de um valor maior pelas plantas permanentes configurou-se como uma estratégia utilizada pelo 3º BEC para economizar, uma vez que a grande maioria das plantações concentradas na área próxima ao Rio Guaribas era vazante.

As pessoas que tinham plantações temporárias e que não possuíam habitações na propriedade tiveram o ressarcimento prejudicado, uma vez que receberam um baixo valor e, além disso, perderam as terras que garantiam a colheita de produtos agrícolas para o consumo rotineiro. Segundo o senhor José Olímpio:

³³NETO, Cândido da Rocha. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013

Para uns a indenização foi mais, para outros foi menos, ai depende de cada caso, o valor da nossa terra era pouco , agora eles deram muito valor foi a quem tinha muito pé de caju, de banana, de carnaúba. A nossa terra (de meus pais) não tinha, porque a gente plantava só pela safra, era no inverno e depois vazante. A gente achava no tempo qui era muito dinheiro, mas depois ainda veio a inflação que cobriu. Nós tinha 20 hectare lá no Curral Velho de terra e lá no Sacanalo tinha 13, ai recebemo uns 3 mil e tanto réis. Papai deixou o dinheiro na poupança, ai ficou tirando o juro, mas veio à inflação e em pouco tempo acabou.³⁴

Em razão das oscilações da inflação as pessoas que colocaram o dinheiro recebido com a indenização nas instituições financeiras também foram afetadas, pois o dinheiro na poupança sofria constantes variações. Além disso, a introdução de novos planos econômicos no Brasil mudou as regras de rendimento da caderneta de poupança:

O Plano Bresser³⁵ foi instituído pelo governo federal em junho de 1987, após o fracasso do Plano Cruzado. A iniciativa prejudicou os poupadores por conta da mudança no cálculo da correção da caderneta, que passaria a ser corrigida por um índice 8,08% menor.³⁶

Assim quem não investiu o dinheiro em algo, ficou sem terras e sem dinheiro. Como eles não foram direcionados para quais lugares deveriam se transferir muitos talvez por falta de conhecimento, informações ou opções acabaram por investirem em áreas secas e inférteis para o cultivo; já outros guardaram o dinheiro no banco, mas tempos depois não tinha mais valor em razão da grande inflação.

As entrevistas acima mostram o lamento das pessoas que perderam suas terras de referências e que em troca receberam uma indenização, mas que devido a alta inflação não teve valor significativo e em pouco tempo ficaram sem terras férteis para o plantio. Então com a perda de suas terras era necessário começarem tudo novamente.

Portanto a noção de desenvolvimento pregada na construção da Barragem de Bocaina Piauí é questionada a partir das narrativas dos trabalhadores desapropriados que mostram que suas expectativas de melhorias na qualidade de vida não foram alcançadas. Além disso, enfrentaram muitas dificuldades em reconstruir seu modo de vida em outras regiões.

Os atingidos de Bocaina revelam que a obra foi implantada de forma arbitrária, sem o estabelecimento de um diálogo prévio, e que o ressarcimento monetário recebido pela indenização das terras não os direcionavam para um lugar onde eles deveriam erguer suas

³⁴ GOMES, José Olímpio. Depoimento concedido a Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

³⁵ Plano lançado pelo presidente brasileiro José Sarney.

³⁶ IDEC. Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor.

moradias como aconteceu em outras regiões do Brasil em que foram construídos conjuntos habitacionais.

Capítulo 2: Experiência de vida dos trabalhadores desapropriados da Barragem de Bocaina

*Rio Guaribas, cadê, cadê, cadê?!
Rio Guaribas, cadê você?
Rio Guaribas, cadê
Braços, pernas e bocas pra te defender???!*

*Rio Guaribas, ô!!
Líquida faca cortando meu torrão natal.
Matou minha sede, levou
Os barcos meus de papel!
Embalou meus sonhos, brincou
Com as estrelas do céu!
Arrastou meus navios pra beira do mar.*

*Rio Guaribas, cadê, cadê, cadê?!
Rio Guaribas, cadê você?
Rio Guaribas, cadê
Braços, pernas e bocas pra te defender???!*

*Rio Guaribas, ô!!
O progresso é veloz demais.
Deixa manchas sujas sobre o lençol,
Ninguém tem tempo pra te proteger.
Tanto sobejo sob a luz do sol!!
O poeta faz verso inútil.
Tanto sobejo sob a luz do sol
O poeta quer te defender.*

*Rio Guaribas, cadê, cadê, cadê?!
Rio Guaribas, cadê você?
Rio Guaribas, cadê
Braços, pernas e bocas pra te defender??!*

Suely Rodrigues³⁷

O objetivo deste capítulo é abordar as experiências de vida dos moradores ribeirinhos atingidos pela construção da Barragem de Bocaina anterior a introdução dessa obra e como esses indivíduos se uniram na defesa de seus direitos. Nosso intuito é apontar como esses indivíduos utilizavam as terras próximas ao Rio Guaribas e mesmo a água desse rio no seu dia-a-dia a fim de entendermos as circunstâncias de atribuição de sentido por essa população aos locais de sobrevivência. Essa atribuição de sentido ocorre quando os ribeirinhos

³⁷ A música é cantada por Suely Rodrigues, mas a autoria pertence a Vilebaldo Nogueira Rocha (poeta picoense).

apresentam uma valorização relativa aos produtos cultivados nas terras próximas ao Rio Guaribas e as suas propriedades. A partir dessa compreensão, iremos mostrar como a implementação da construção da barragem alterou o panorama de suas práticas sociais: agricultura, hábitos de lavar roupas no olho d'água e a submersão do cemitério que representava lugar de memória de seus entes queridos.

2.1- Rio Guaribas: terra boa para plantar!

Eu morava no Curral Velho e plantava milho, feijão e melancia, rocinha lá era boa de melancia, pra quem gostar de melancia lá tinha. Arroz plantava na Lagoa do Alto e na Sussuarana, lá era milho e feijão e melancia. A terra era pouca e eu também sozinho pra trabaia, mas sempre tirava do gasto. O milho nunca dava não, porque eu sempre criava umas criação, ai comprava milho. Agora eu compro é tudo, mas naquele tempo era um complemento. Eu tirava uma média de uns vinte saco de milho, porque eu dava milho aos porco, bodes, ovelha e galinhas; melancia essa era sem soma tinha muita, num vindia porque num tinha a quem, todo mundo tinha muita, naquele tempo num tinha saída, não tinha transporte, mas gambá cumia melancia e todo bicho do mato cumia melancia e sobrava, assim tirava muita, num sei quantas era não. Feijão era pouco, mas pouca gente come pouco, mas dava pra o gasto, era uns três, quatro saco. Ai arroz eu não plantava lá, pois a terra era de areia³⁸.

As cheias do Rio Guaribas constituíam fator favorável para a prática da agricultura aos trabalhadores ribeirinhos entrevistados de Bocaina, uma vez que proporcionava uma colheita rica em gêneros agrícolas, funcionando tanto no plantio de produtos durante o período do inverno como também no período de estiagem. Sendo que no tempo do verão as terras às margens do Rio Guaribas eram aproveitadas para vazantes. Por ter essa abundância agrícola a construção da Barragem de Bocaina gerou um grande impacto na vida dos moradores ribeirinhos; significava a perda dessa colheita e de seus lugares de referência.

Quando falamos em lugares de referências estamos nos referindo às suas moradias, as suas roças e de modo geral, às suas propriedades. Então, a possibilidade dessa perda afligia de modo significativo suas experiências de vidas, o que levava os trabalhadores a atribuírem valores aos seus locais de sobrevivência, sendo que para quem estava de fora, esses locais poderiam não ter nenhum valor, mas para os trabalhadores era algo que estava presente em seu modo de vida.

As narrativas dos moradores atingidos pela construção da Barragem de Bocaina evidenciam que antes da obra eles tinham boas terras para plantar e retiravam dali alimentos que contribuía de forma decisiva na manutenção de suas famílias, sendo que com pouca

³⁸NETO, Cândido da Rocha. Depoimento concedido a Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

complementação conseguiriam os gêneros que estavam presentes em sua cultura alimentar. Em seus relatos eles citam como produtos que faziam parte do seu cotidiano arroz, feijão, milho, melancia, batata, alho, considerados como essenciais para a sua sobrevivência.

A fala do trabalhador Cândido está inserida em dois momentos: o primeiro momento em que a terra era pouca, mas ele tirava do gasto e o segundo momento em que ele compra tudo. Antes da construção da barragem o entrevistado aponta que tirava feijão e melancia suficiente para o consumo, sendo necessário somente um complemento do milho, já que criava muitos animais, considerando que este morador trabalhava sozinho na roça. Hoje o trabalhador não retira mais nada das terras, pois se encontra na terceira idade e não tem mais condições de saúde para se dedicar ao trabalho agrícola então é necessário comprar tudo o que necessita. O fato de hoje o Sr, Cândido ter que comprar tudo que precisa talvez tenha contribuído para que ele atribuísse sentido as suas terras às margens do Rio Guaribas, vendo o seu cultivo como os tempos bons em que ele mesmo sozinho conseguia retirar dali gêneros agrícolas.

O empreendimento comercial na área rural de Bocaina para a venda de melancias não ocupava posição de destaque e o que não era consumido pela família não tinha oportunidade de ser vendido. Então, quando documentos cedidos pelo 3º BEC aponta que um dos objetivos da construção da Barragem de Bocaina seria a introdução da cultura do melão, da melancia e do tomate³⁹, nos deparamos com o seguinte questionamento: O melão, por exemplo, iria ser inserido nos hábitos alimentares desses ribeirinhos?

Os moradores ribeirinhos de Bocaina plantavam com objetivo de usar os gêneros agrícolas para o consumo próprio, não estava em seus planos à venda desses produtos, pois o que considerava importante era ter a autossuficiência daquilo que utilizavam em sua alimentação diária. Também não fazia parte de suas prioridades a inserção de novos alimentos pois gostavam de comer os produtos que eram cultivados em suas terras e os provenientes da criação de seus animais, desse modo tinham uma alimentação adaptada as condições do meio em que viviam e aos modos referentes as circunstâncias que faziam parte da história ao longo de suas experiências de vida. É possível perceber essa reação aos novos hábitos alimentares na seguinte fala de uma moradora ribeirinha:

Eles diziam que ia dar pra gente plantar muitos novos alimentos, mas pra que a gente plantar essas comida que a gente num sabe nem o que é. Eu mesmo gosto de arroz,

³⁹ 3º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO. “Açude Bocaina”. 1º Grupamento de Engenharia e Construção./ SUDENE. (Mimeo) .S/D. pag. 2.

de feijão, de cuscut, isso nós já tinha, num precisa inventar mais coisa se nós nem ia comer. Eu nunca acreditei qui fossem mesmo ser plantado essas verduras lá, mas o povo qui tava construindo diziam qui ia, o pior é qui nem foi! Mas mesmo qui tivesse sido pra nós num ia servir de nada.⁴⁰

Para a população ribeirinha os gêneros alimentícios importantes para o cultivo seriam aqueles que já faziam parte dos seus hábitos alimentares. Assim, esses trabalhadores não passavam fome, eles adaptavam seus gostos alimentares de acordo com os gêneros alimentícios conseguidos com a exploração da terra da região. Embora muitas vezes, as terras não assegurassem a quantidade necessária ao consumo, eles utilizavam de outros meios para conseguirem um complemento. Nesse sentido, o autor Josué de Castro coloca que o sertanejo do sertão nordestino vive em perfeito equilíbrio alimentar, salvo nos períodos de extrema secas, pois adapta as condições do meio aos gêneros da agricultura e da criação.

Dentro desse contexto, os hábitos alimentares dos ribeirinhos de Bocaina estão inseridos na classificação adotada por Castro em que enfatiza que o sertanejo do sertão nordestino pratica uma agricultura voltada para a subsistência:

Não se constitui o sertanejo num agricultor de produtos de exportação, para fins comerciais, como se praticava nas terras do litoral, mas um plantador de produtos de sustentação para o seu próprio consumo. Um sementeiro, em pequena escala, de milho, de feijão, fava, mandioca, batata-doce, abóbora e maxixe, plantados nos vales mais sumosos, nos baixios, nos terrenos de vazante, como culturas de hortas e jardins. Pequenas boladas de verdura que os senhores de engenho do brejo, plantadores de extensíssimos canaviais, sempre olham com desdém, chamado depreciativamente a esse tipo de policultura do sertanejo de “roça de matuto”. Roças de matuto diante as quais o homem do açúcar torcia o nariz de grande senhor agrário, e que, no entanto, vieram a constituir um magnífico elemento de valorização das condições de vida regional, de diversificação do regime alimentar do sertanejo bem superior em épocas normais ao da área da cana.⁴¹ (CASTRO, 2012, P. 173-174)

De acordo com Castro a alimentação do sertanejo do semiárido nordestino é voltada para a subsistência, não visando fins lucrativos. Nesse sentido está incluso a perspectiva dos moradores ribeirinhos de Bocaina em que cultivavam e consumiam os alimentos retirados de suas próprias plantações anteriores à construção da Barragem, sem ter como objetivos fins comerciais.

Ainda de acordo com Castro a alimentação do sertanejo é bastante satisfatória, sendo rica em proteínas e vitaminas necessárias para a prática de uma alimentação saudável. Os sertanejos utilizam os gêneros agrícolas que estão disponíveis em seu espaço de sobrevivência

⁴⁰ ROCHA, Maria Antônia de Sousa. Depoimento concedido a Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

⁴¹ CASTRO, Josué. **A geografia da Fome**. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

no seu cardápio. Além disso, domestica animais e utiliza a sua carne, o seu leite e derivados para produzir alimentos que possibilitem uma melhor qualidade alimentar e uma diversidade de alimentos para as suas refeições.

Nesse sentido a senhora Maria Antônia nos falou sobre como era sua alimentação quando vivia às margens do Rio Guaribas:

A gente se alimentava com o que tinha era: arroz, feijão, milho, rapadura, batata, macaxeira, abóbora, melancia, fava, carne porco, de bode, de gado, de galinha e farinha. Do milho nós fazia cuscuz e augu. Da fava nós comia feito baião. A batata nós comia com arroz, com angu e com café. Tanto a rapadura que era feita de cana como também á farinha que era feita da mandioca a gente plantava em terras de outra propriedade que não ficava perto do rio. Agora o restante a gente plantava e criava tudo ao redor do rio.⁴²

Essa diversidade de produtos inseridos nos hábitos alimentares do sertanejo possibilitava uma alimentação saudável e rica em nutrientes. Para os ribeirinhos de Bocaina os gêneros que estavam presentes em sua dieta alimentar antes da construção da barragem era o que era indispensável para si, pois associavam seus gostos alimentares com as possibilidades de cultivo presentes nas terras às margens do Rio Guaribas. No entanto o encobrimento dessas terras afetou os seus hábitos alimentares, pois o cultivo de produtos como a abóbora, a melancia e a batata plantadas nas vazantes ficaram praticamente inviáveis.

As pessoas que possuíam terras às margens do Rio Guaribas e que habitavam em áreas mais distantes arrendavam suas terras para outras pessoas a fim de que cultivassem com maior proveito e no término da colheita dessem um quarto da produção para os proprietários das terras e o pasto para que estes levassem seus animais em tempos de seca. Essa característica revela que as terras próximas ao Rio Guaribas eram de grande fertilidade, uma vez que possibilitava que fossem plantadas por pessoas não proprietárias que depois da colheita tinham que entregar uma parte para os donos. Se essas terras não permitissem a colheita em grande quantidade para as pessoas que não tivessem terras lá não compensaria utilizar terras de terceiros. Isso demonstra como possuir terras nesse local era tratado como um privilégio, devido a grande capacidade para a exploração agrícola. O senhor José Olímpio nos falou sobre essa prática de arrendamento:

A gente tinha os lavrador qui plantavam feijão e milho e nas vazantes arroz e alho e nos dava a renda. Nos anos bom de inverno o feijão botava muito, dava uns 50 saco de feijão, ai a gente recebia a renda de um a cada quatro assim ricibia uns 12 sacos

⁴² ROCHA, Maria Antônia de Sousa. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

de feijão; de milho as terras dava uns 30 sacos ai a gente ricibia uns 7 sacos, pois as terras lá era mior de feijão; alho dava uns 100 mieiro, ai esse alho era vendido, tinha os comerciantes qui vinham comprar o alho ai, agente ricibia o valor de uns 25 mieiros. O alho dava muito dinheiro, teve tempo qui um mieiro de alho comprava uma bicicleta, teve gente qui tem bicicleta guardada, qui comprou com um mieiro de alho, ai guardou. Quando o alho acabou ai disse isso daqui é uma lembrança. O pasto da roça era nosso, a gente levava os animais pra lá no tempo da seca, ai a gente levava gado, uveia, porco e animais de trabaiaar como jumento, ai eles ficavam lá uns quatro meses. Lá tinha bebedor ai eles bibiam água sozinho, pois a roça encostava no rio, assim era um sussego, pois eles tinham água e cumida. Quando veio a barragem acabou com toda essa renda!⁴³

Com a construção da barragem a renda proveniente da venda do produto rural “alho” reduziu. Os bens que eram adquiridos com o dinheiro arrecadado da venda do alho, como bicicleta, ficaram só de lembrança, mas não foi mais possível conseguir outros, pois não tinha mais esse dinheiro. Dentro desse contexto o entrevistado atribui valor ao dinheiro arrecadado com a plantação de alho argumentando que a barragem destruiu a atividade comercial praticada com o alho. Para este morador a venda do alho era muito importante, pois assegurava a arrecadação de muito dinheiro: “o alho dava muito dinheiro” e isso constituía algo muito favorável para sua sobrevivência uma vez que dinheiro era algo escasso e difícil de ser adquirido.

Além da perda dessa renda, a redução das plantações de alho também afetou as redes de sociabilidades, pois a venda de alho permitia o contato entre os diversos produtores e os compradores.

No entanto devemos ressaltar que quando o Sr. José Olímpio coloca que a venda do alho era algo que gerava muito dinheiro ele está fazendo uma atribuição de sentido, pois o fato do dinheiro ser algo escasso na região talvez tenha contribuído para que ele colocasse que aquele dinheiro proveniente do alho fosse muito, pois como o entrevistado não tinha muito acesso ao dinheiro, qualquer quantidade que ele recebesse já poderia ser considerada como grande.

Dentro desse contexto, podemos perceber que quando os trabalhadores ribeirinhos entrevistados de Bocaina apontam que as terras às margens do Rio Guaribas eram férteis e propiciavam uma colheita em abundância, também estão fazendo o uso da atribuição de sentido, pois o que vem em sua mente são as memórias dos períodos de fartura, não sendo mencionado, por exemplo, os períodos de estiagem e de colheitas escassas. Assim mesmo que essas terras não fossem tão produtivas e não garantissem o provimento de gêneros

⁴³ GOMES, José Olímpio. Depoimento concedido a Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

alimentícios necessários ao consumo humano em todas as épocas, o que permanece em suas lembranças são os aspectos positivos.

Essas atribuições de significados as utilidades propiciadas pela vida em torno do Rio Guaribas pelos moradores ribeirinhos entrevistados ocorre em um momento posterior ao período em que eles viveram lá. Então deparamos com dois momentos um anterior à construção da barragem e outro após a construção da barragem. Quando os ribeirinhos entrevistados mencionam o contexto da vida antes da Barragem, estão fazendo menção á algo que não existe mais e que para eles ainda está presente em sua estrutura de sentimentos como algo bom e que deixou saudades.

Para compreendermos essa atribuição de sentido a vivência às margens do Rio Guaribas pelos indivíduos que não moram mais no local e não desfrutam mais dos possíveis benefícios dele é de fundamental importância às contribuições de Raymond Williams⁴⁴. Este autor coloca que o trabalhador rural quando deixa o campo e vai morar na cidade ao fazer referências a sua vida no campo trata como um espaço de tranquilidade, de paz, de felicidade e de abundância. Embora Williams estude as contradições entre a vida no campo e na cidade, diferentemente da nossa pesquisa que trabalha a transferência dos indivíduos de um lugar no campo para outro local também situado no campo, às ideias de Williams são importantes no sentido que nos ajuda a entender as atribuições de sentido feitas pelas pessoas quando se referem a um local que não moram mais lá e que esse local permitia uma vida vista por ele hoje como feliz. Desse modo, percebemos que os ribeirinhos entrevistados de Bocaina fazem uma valorização à vida em torno do Rio Guaribas antes da Construção da Barragem.

A utilização do Rio Guaribas não estava restrita apenas ao plantio e ao auxílio na criação de animais através da utilização do pasto, mas estava presente em todos os aspectos da vida dos ribeirinhos. Eram a partir da existência desse rio que se desenvolvia as práticas cotidianas desses indivíduos: “como o rio era corrente, a muier lavava roupa era no rio, agente báiava era no rio e tudo era no rio, eu morei lá no Curral Velho foi 26 anos e tudo era feito com a água do rio”⁴⁵

O espaço do rio era visto não somente como um local de trabalho, mas também como um ambiente de interação entre as pessoas, onde as mulheres se encontravam quando iam pegar água, tomar banho e lavar roupas. Esse encontro entre as pessoas era de fundamental importância para o compartilhamento entre os indivíduos das experiências cotidianas e dos

⁴⁴ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura; tradução Paulo Henrique Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁴⁵ NETO, Cândido da Rocha. Depoimento concedido a Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

assuntos que permeavam o seu dia-a-dia. A lavagem de roupas era considerada por muitas mulheres como um lazer, pois era uma oportunidade de encontrar com os vizinhos e conversarem ao mesmo tempo em que não estavam desperdiçando o tempo sem fazer nada, pois lavavam e conversavam simultaneamente. Além disso, naquela época na região ribeirinha os pontos de encontros entre os indivíduos eram escassos e eles ocupavam a maior parte de seu tempo com as atividades domésticas e agrícolas.

A senhora Maria Antônia nos relatou a cerca das lembranças que guarda sobre o processo de lavagem de roupas na água corrente do Rio Guaribas:

Na água corrente do Rio Guaribas agente lavava roupa não era tirando água na cuia não, agente tacava as mãos ai dentro da água e lavava, passava água e sabão e lavava. Lá se reunião muita gente para lavar nos sete dias da semana tinha gente lá lavando roupas ai agente aproveitava para conversar e achava bom demais. Era uma alegria e um divertimento encontrar com os conhecidos e saber as noticias que tavam acontecendo. O Rio era o lugar onde a gente tinha mais contato com o povo porque naquele tempo num tinha muito pra ir e nós fazia a vida era trabaindo, então quando tava uma multirão de muier lavando roupas saia conversa de todo jeito a gente fazia a festa. Era uma maravilha, que se acabou tudo com a barragem! Com a barragem a gente lavava mais roupas era nos açudes que eram mais perto de casa, ai a lavada de roupa num tinha mais graça, porque não reunia mais muita gente como antes não.⁴⁶

A construção da Barragem de Bocaina não só mudou a fisionomia das regiões ribeirinhas, mas também extinguiu vias de acesso existentes que encurtavam a distância entre a população rural e a cidade de Bocaina. Dessa forma dificultando o contato frequente e necessário entre o meio rural e o meio urbano. O Senhor José Olímpio comentou sobre os obstáculos ocasionados pela Barragem no acesso à localidade Carvalho, município de Bocaina (zona rural) à cidade:

A Barragem tomou a estrada qui tinha, pois abriu um barrocão e a qui fizeram passa por dentro da barragem, qui além de ser muito perigosa, pois de um lado é morro e do outro é água, no ano qui chove muito toma a passagem, ai fica tomado, e agente fica sem estrada, sendo obrigado a navegar por outra estrada a uma distância enorme e com poucas linhas de transportes.⁴⁷

Além disso, a construção da Barragem de Bocaina atingiu até os cemitérios, onde os corpos dos mortos repousavam. Muitos restos mortais foram retirados e levados para outro

⁴⁶ ROCHA, Maria Antônia de Sousa. Depoimento concedido a Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

⁴⁷GOMES, José Olímpio. 2013. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

lugar. Porém houve casos em que não deu tempo retirar os corpos antes que a água atingisse o local, ficando o cemitério submerso e os familiares dos falecidos impossibilitados de visitarem os túmulos dos entes queridos. O trecho a seguir mostra como o repouso dos mortos foi interrompido:

Aqui nem os mortos descansam em paz – lamenta dona Izabel. Seu Antonio revive os dias em que a sala de casa era preenchida por caixotes cujo conteúdo causava revolta e torpor. Nas covas muitas vezes o que se encontrava era só pó, o tempo já deixara suas marcas ali; em outras havia apenas ossadas e cabelo. Não importava o estado de decomposição em que os corpos estavam. Todas as covas foram remexidas, os corpos exumados, encaixotados e transferidos para o Cemitério de Bocaina. Último repouso, esperava-se. Famílias choravam pela perda e pela indignação, a dor de morar em uma terra onde nem mesmo os mortos tinham o direito de ficar em paz. Mais revolta.⁴⁸

A obra mudou não só a vida das pessoas vivas, mas também o repouso dos indivíduos mortos. Sendo que para quem estava implementando a remoção dos corpos talvez fosse mais fácil deslocar as pessoas que estavam enterradas no cemitério onde seria implantada a obra do que fazer a desapropriação das pessoas com vida, uma vez que os mortos não podiam mais reclamar e fazer oposição. Porém, para os parentes das vítimas que tiveram seus entes removidos o sentimento atribuído era de revolta ao verem os restos mortais encaixotados.

Percebe-se que a construção da Barragem de Bocaina alterou significativamente o contexto de vivência dos trabalhadores ribeirinhos: perderam as terras férteis e as suas plantações; as roças que alimentavam os animais com pastos e água já não existiram mais; as rendas que os proprietários de terras recebiam de suas propriedades acabaram; as interações entre as lavadeiras de roupas perderam o espaço para a ocorrência; os mortos que se encontravam em terras que foram atingidas pela obra ou tiveram os seus restos mortais retirados para outro lugar ou ficaram submersos na água.

Portanto a perda dessas referências construídas pelos moradores ribeirinhos que se perpetuavam por várias gerações contribuiu para que esses indivíduos se sentissem injustiçados, já que significam muito sobre as suas experiências de vida. A construção da Barragem de Bocaina é interpretada a partir de diferentes visões, dependendo das pessoas que atribuem significado. Sendo que essa atribuição de significado é influenciada pela vivência desses indivíduos.

⁴⁸ MOURA, Maria; CARVALHO, Michellane. **Desconstruindo Vidas**: histórias submersas no Açude Bocaina. Picos, 2011.

2.2- Valores e Sentidos no fazer dos moradores ribeirinhos

*Não vamos seguir as doutrinas
Corrompidas pelo poder opressor.*
Cirineu Kubn⁴⁹

A implementação de um grande empreendimento não deve ser apenas associado às melhorias das condições de vida da população. A introdução de um projeto pode beneficiar de maneira direta certos segmentos da sociedade e atender aos seus interesses, sendo tratado como algo benéfico e que contribuiu em grandes proporções para alcance de objetivos e metas. Por outro lado esse mesmo projeto pode não atingir certos grupos sociais ou ainda afetar de forma negativa alguns setores. Sendo visto por ambos como algo negativo e que não estava de acordo com suas necessidades e assim não lhes atribuir significados positivos, vendo até como uma coisa que se não tivesse acontecido seria bem mais favorável.

No caso específico da construção da Barragem de Bocaina –Piauí, este fato é tratado a partir de diferentes visões e atribuições de sentidos. Se analisado sob a ótica do 3º BEC (órgão encarregado pela construção da obra) é colocado como um projeto que traria enormes benefícios para a população, principalmente para as “classes menos favorecidas”, expressão esta utilizada com frequência nos documentos analisados. Se analisada a partir do olhar de pessoas que foram atingidas e tiveram as suas referências construídas durante gerações destruídas, o sentido atribuído é de ressentimentos e perda de valores que em meio ao avanço da obra, os seus direitos não foram respeitados e suas práticas sociais foram alteradas, sendo que a concretização da obra e os supostos benefícios não atingiram os interesses que estavam de acordo com suas experiências de vida.

Nesse sentido, é de fundamental importância à contribuição do historiador inglês Edward Thompson⁵⁰ em que coloca que os trabalhadores se unem de acordo com os valores, sentimentos e interesses em comum construídos ao longo de sua experiência de vida, e que os grupos dominantes que possuem uma trajetória de vida diferenciada e que não compartilha dessa mesma experiência de vida constituem a oposição, sendo detentores de interesses antagônicos. Desse modo é a partir do momento em que os trabalhadores adquirem consciência de classe e percebem que unidos em torno de objetivos em comuns podem

⁴⁹ Cantor da música Pai Nosso dos Mártires.

⁵⁰ THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa: a Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. v.1. 204 p.

reivindicar e lutar pelo alcance de seus direitos em que a sua experiência de vida adquire sentido no seu fazer.

No entanto, nesta pesquisa iremos adotar a perspectiva de que os trabalhadores, especificamente os atingidos de Bocaina, tratam a sua experiência e sua cultura de acordo com o sentido que atribuem aos seus sentimentos e valores. Sobre isso, Thompson sugere:

[...] verificamos que com ‘experiência’ e ‘cultura’, estamos num ponto de junção de outro tipo. Pois as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas com ideia, no âmbito do pensamento de seus procedimentos, ou como instinto proletário, etc... Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade ou através de formas mais elaboradas, na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura, e é uma metade completa, pode ser descrita como consciência afetiva e moral... significa dizer que toda contradição é um conflito de interesse; que em cada ‘necessidade’ há um afeto, ou uma vontade, a caminho de transformar num dever e vice-versa; que toda luta de classes é ao mesmo tempo uma luta acerca de valores[...]⁵¹

De acordo com os sentimentos e valores que os ribeirinhos de Bocaina atribuíam a sua experiência de vida em torno do Rio Guaribas, eles procuram reagir ao processo de construção da Barragem, agindo de acordo com as possibilidades que estavam em seu alcance e que eles consideravam como importante para a defesa de seus interesses e direitos.

Foi a partir de um trabalho social desenvolvido pelo Movimento Educacional de Base (MEB), a pedido do Bispo Diocesano de Picos D. Augusto, que os habitantes de Bocaina adquiriram mais consciência e força para lutar contra o autoritarismo de uma obra imposta e conduzida pelos militares. “A falta de estudos mais profundos, porém, não os fez ignorantes. Eram intelectuais à sua maneira: doutores do campo, especialistas em cultivo e mestres em sobrevivência.”(MOURA; CARVALHO)⁵². Mas eles pensaram que sozinhos sem orientação inicial não iriam ter condições de enfrentar os militares, então, recorreram ao bispo D. Augusto, o qual enviou o MEB para auxiliá-los. A atuação do MEB estava inserida dentro da perspectiva de uma educação libertadora baseada na proposta pedagógica de Paulo Freire. O MEB desenvolveu uma ação sócio-educativa planejada, organizada e articulada em ajuda aos atingidos da Barragem de Bocaina (PI), como mostra a tabela a seguir:

⁵¹ THOMPSON, E. P. A Miséria da Teoria. In: FENELON, Déa Ribeiro. **O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?**Uberlândia: história e perspectivas, 2009.

⁵² MOURA, Maria; CARVALHO, Michellane. **Desconstruindo Vidas: histórias submersas no Açude Bocaina.** Picos, 2011.

Tabela 02: Objetivos e Estratégias Iniciais do MEB em Picos⁵³

OBJETIVOS	ESTRATEGIAS
<ul style="list-style-type: none"> • Realizar uma ação educativa visando a grupalização, a evangelização e a conscientização. • Ouvir os anseios das comunidades, sistematiza-los e devolver num processo de discussão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Convivência com o povo, participação no cotidiano das comunidades, visitas domiciliares, reuniões formais e informais, cantos conscientizadores, elaboração da cartilha e folhetos com dados da realidade, registrando a fala do povo; • Articulação entre as comunidades; • Parcerias com agentes de pastoral: leigos/as de bocaina e religiosas de Bocaina e religiosas-Irmãs de Jesus Crucificado – Picos-PI; • Caminhadas de solidariedade ao povo de Bocaina com a presença de agentes de pastoral de toda à Diocese;

Com a ajuda do trabalho desenvolvido pelo MEB os trabalhadores de Bocaina passaram a discutir seus problemas e a pensar nas possíveis soluções coletivamente. Em 1982 alguns proprietários de terras com a ajuda da Igreja entraram com uma ação judicial pedindo a reintegração de posse das terras:

AÇÃO JUDICIAL

Em junho de 1982, 25 famílias atingidas pela construção da BARRAGEM DE BOCAINA entraram com uma AÇÃO JUDICIAL reivindicando o seguinte:

- REINTEGRAÇÃO DE POSSE
- INDENIZAÇÃO JUSTA

O processo de acompanhamento da ação judicial foi muito prejudicado pela falta de um acompanhamento sistemático de advogado, do “homem da lei”. No período de 1 e meio tivemos 3 advogados.⁵⁴

Durante o período da ação judicial os ribeirinhos faziam reuniões em suas casas com membros do MEB e os advogados da causa para discutirem o acompanhamento da ação, como sugere a imagem a seguir:

⁵³ MEB, 1983. Fonte: arquivo pessoal da professora Maria Oneide Rocha Fialho.

⁵⁴ MEB, 1984. Fonte: arquivo pessoal da professora Maria Oneide Rocha Fialho.

Imagem 04: Reunião sobre o processo de acompanhamento da ação judicial



Fonte: acervo pessoal da professora Maria Oneide Rocha Fialho.

Porém, os ribeirinhos não obtiveram êxito na ação de reintegração de posse, devido os serviços já estarem em uma fase bem avançada e ação ter sido julgada favorável ao BEC. Mas mesmo diante da negação do pedido de reintegração, os trabalhadores não desistiram. No lugar do medo que antes eles tinham de enfrentar os construtores da barragem ganhava força à coragem e o desejo de lutar por seus direitos coletivamente. Cada vez mais os trabalhadores se sentiam mais unidos e com mais ânimo para enfrentar os militares. A ideia que tinham de que teriam que aceitar as determinações do governo federal foi sendo substituída por uma percepção crítica com a organização de reuniões e caminhadas. Sendo os ânimos da luta das famílias abertos para uma nova visão de mundo:

O primeiro passo dado por esse povo foi à colheita de 115 assinaturas em um abaixo assinado direcionado ao Coronel do 3º Batalhão de Engenharia e Construção – 3º BEC, reivindicando a suspensão do banho público realizado nas propriedades privadas sem permissão dos proprietários. O banho era autorizado pelo capitão responsável pelas obras do açude. O abaixo assinado foi levado por Honório Marques de Sousa e Antônio Francisco da Silva- seu Torega- representante das comunidades, acompanhados por Dom Augusto. A solicitação foi prontamente atendida e os banhos coletivos suspensos.⁵⁵

⁵⁵ MOURA, Maria; CARVALHO, Michellane. **Desconstruindo Vidas:** histórias submersas no Açude Bocaina. Picos, 2011.

O Rio Guaribas havia passado por um processo de ampliação e, por conseguinte o aumento no nível da água, o que ocasionou a atração de muitos banhistas para o local. Porém, o Rio estava localizado dentro de propriedades privadas, além disso, os moradores utilizavam a água desse rio para suprir suas necessidades de consumo diário. Para os moradores da região a realização desses banhos públicos, não só tornavam a água inviável para o consumo humano, como também constituía uma afronta aos costumes culturais da região, pois os banhistas apresentavam-se seminus. Como sugere o trecho a seguir:

[...]Esses banho era assim nós num tinha costume de ver essas coisas, hoje já tão fazendo do mesmo jeito essas porcaria. Mas naquele tempo nós num tinha costume e as águas eram pouca era só a do rio Guaribas mesmo. Ai o BEC enlagueceu o rio, pois o povo dessas cidades tudo deram pra vim banhar ai: era as imoralidades maior do mundo, era tudo nú, nojento e a gente era obrigado a beber aquela água. [...]⁵⁶

Assim o atingimento da qualidade da água e o comportamento considerado imoral por parte dos moradores ribeirinhos entrevistados levou-os a se reunirem e reivindicar a paralização dos banhos. A organização do povo de Bocaina surgia como uma forte experiência de luta e coragem contra o poder do BEC, como coloca o Sr. Helvídio; “enfrentar o que parecia ser impossível, que era o 3º BEC na época, o responsável pela construção.”⁵⁷

As ações dos trabalhadores de Bocaina não pararam por aí. Como a ação de reintegração de posse das terras foi negada, os trabalhadores começaram a se articular e pensar em uma maneira de amenizar em partes os prejuízos materiais ocasionados pela construção da barragem. Já que as perdas imateriais não teriam como ser recompensadas, pois faziam parte de um conjunto de elementos não palpáveis, que estavam marcados na experiência vida de cada individuo. Então formularam novas ações :

[...]entraram com Ação Judicial na Justiça Federal reivindicando a indenização justa das propriedades e dos prejuízos causados pelo açude. A organização das famílias levou ainda a participação de representantes das comunidades em eventos de nível nacional, como o Encontro Interestadual da Não Violência (Ceará –Piauí), a Caminhada do Povo de Pimenteiras e o Congresso de Jovens em Picos [...]⁵⁸

A ação judicial pela indenização justa foi surpreendida pelo descobrimento de um fato até então desconhecido. A advogada da causa tomou conhecimento que algumas famílias tinham assinado um documento apresentado pelo 3º BEC, o qual confirmava que eles já

⁵⁶ SILVA, Isabel Maria dos Santos. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes e à Hortência de Moura Costa. Bocaina, 2014.

⁵⁷ LIMA, Helvídio João de. Depoimento concedido à Hortência de Moura Costa, Picos, 2014.

⁵⁸ MOURA, Maria; CARVALHO, Michellane. **Desconstruindo Vidas**: histórias submersas no Açude Bocaina. Picos, 2011.

tinham recebido a indenização e estavam satisfeitos. Então a ação do povo ia contra o que eles tinham acordado em documento escrito. Porém a assinatura desse documento pelos ribeirinhos aconteceu sem que eles tivessem conhecimento do que estavam fazendo, pois o argumento utilizado pelo 3º BEC era que aquela assinatura prestada pelos ribeirinhos era um requisito para que eles recebessem a indenização, como sugere a fala do Sr. Helvídio: “alguns [...] assinaram aquilo que o BEC queria, de acordo com o que queria, com medo de receber era de jeito nenhum.”⁵⁹

Então o fato das pessoas já terem assinado um documento aceitando a indenização proposta pelo BEC, tornou a ação judicial inviável e além da mais contraditória, pois os ribeirinhos estavam exigindo uma coisa que eles tinham confirmado em documento escrito que já tinham recebido. No entanto o 3º BEC utilizou da ingenuidade de um povo para assinar um documento que eles não tinham conhecimento do conteúdo.

Porém com assinatura desse documento e com a posição assumida pelos ribeirinhos na ocasião da visita dos peritos na região em que não tiveram coragem de falar a verdade sobre as circunstâncias e repressões que estavam sofrendo por parte do poder público, representado na figura do 3º BEC, a ação judicial passou a ser um instrumento contra a atuação dos ribeirinhos, pois o que estava escrito se opunha a voz do povo.

Diante dessas circunstâncias a ação judicial foi extinta, pois o processo da forma em que estava expresso condenava a ação dos ribeirinhos e poderia até levar ao julgamento destes como “litigante de má fé”. O documento a seguir mostra com detalhes os últimos instantes antes da extinção da ação judicial pela indenização justa:

AUDIÊNCIA EM TERESINA – DIA 20 DE JUNHO DE 1984

Ao tomar conhecimento do encaminhamento da Ação Judicial nos últimos meses Angélica apresentou ao Tribunal 3 opções:

- Extinguir o processo do jeito que estava
- Marcar a audiência
- Extinguir o processo sem julgar o mérito – deixando em aberto

Porque a ADVOGADA pediu a extinção da AÇÃO JUDICIAL?

- O processo como estava condenava os posseiros
- Os posseiros assinaram sem saber um acordo confirmando inclusive que já estavam indenizados e satisfeitos.

Quando da presença dos peritos na área os posseiros temerosos não tiveram coragem de falar a verdade à respeito das injustiças sofridas – faltou o acompanhamento de um advogado do lado dos posseiros na ocasião.

O laudo dos peritos da justiça foi contra os posseiros (os peritos eram de total confiança da união, jamais um laudo deles foi rejeitado).

Dia 19-06 – pela manhã o juiz confirmou a Audiência com Angélica

Dia 19-06 – à tarde 17:30 o juiz julgou o processo eliminando assim a audiência.

⁵⁹ LIMA, Helvídio João de. Depoimento concedido à Hortência de Moura Costa, Picos, 2014.

Se o Juiz julgasse pelo que estava escrito ele julgaria o povo: LITIGIANTE DE MÁ FÉ

Se tivesse acontecido a AUDIÊNCIA:

- Poderíamos perder – O JUIZ não acreditar no povo e sim no que estava escrito no processo

- Ou virara a mesa – O povo estava seguro, disposto e decido. Tudo previa uma vitória – JÁ PENSOU O POVO GANHANDO! Não puderam...⁶⁰

Não podemos saber o que teria acontecido se a audiência tivesse ocorrido, já que existiam duas possibilidades diferentes: ganhar ou perder a ação. O fato é que a audiência não aconteceu e o 3º BEC saiu como vitorioso em partes. Quando coloco em partes, refiro-me ao fato que foi através dessa ação judicial que o 3º BEC pagou a indenização aos ribeirinhos, embora tenha sido aos seus modos. Mas se não tivesse sido promovida essa ação exigindo indenização talvez o BEC não tivesse pagado fosse nada. Então os ribeirinhos não conseguiram o que queriam na íntegra: “Indenização Justa”, mas pelo menos receberam algum dinheiro pelas suas terras destruídas. Assim a ação dos ribeirinhos não pode ser vista como inútil, mesmo não tendo conseguido seu objetivo principal.

A análise do documento acima permite nos perceber mais um momento em que o 3º BEC utilizou de seu poder para coagir e reprimir os ribeirinhos, aproveitando das situações de indivíduos desprovidos de informações para conseguir promover a ideologia das classes que exerciam o poder, como sugere a fala do Sr. Helvídio:

Quando o 3º BEC ficou sabendo da ação da diocese, através do MEB, organização das famílias para lutarem por uma indenização, então, difundiu-se ideia, casos de pessoas de casa em casa dizendo: “olha, se você aderir ao movimento nós não vamos lhe indenizar”? E alguns tiveram que desistir porque tinham medo de não receber, sequer a pequena quantia que o BEC passou a oferecer. Apesar do [...] de jeito nenhum, porque houve essa divulgação, essa pressão realmente às famílias.[..]⁶¹

No entanto essas indenizações foram pagas de acordo com o que o BEC julgava como direito, mas se não tivesse sido as ações dos trabalhadores talvez eles não tivessem recebido era nada. As autoras Maria Moura e Michellane Carvalho descrevem como se deu esse processo:

As indenizações começaram ser pagas a algumas famílias, os critérios, porém, não eram específicos. Em geral, a propriedade recebia a visita dos oficiais que faziam a contagem das árvores frutíferas, poços, construções, enfim, tudo o que estivesse comprometido na propriedade. A partir daí encaminhava-se o pagamento, que não abarcava o prejuízo emocional de cada morador. Algumas vezes a desapropriação ocorria não porque o terreno estivesse numa área que seria inundada, mas pelos riscos de que em um inverno mais rigoroso a água pudesse chegar até as casas. O

⁶⁰ MEB, 1984. Fonte: arquivo pessoal da professora Maria Oneide Rocha Fialho.

⁶¹ LIMA, Helvídio João de. Depoimento concedido à Hortência de Moura Costa, Picos, 2014.

Batalhão se justificava para o povo afirmando que as desapropriações não eram feitas por eles, mas pela água. Assim, personificavam um ser inanimado tão inocente como as vítimas do açude.⁶²

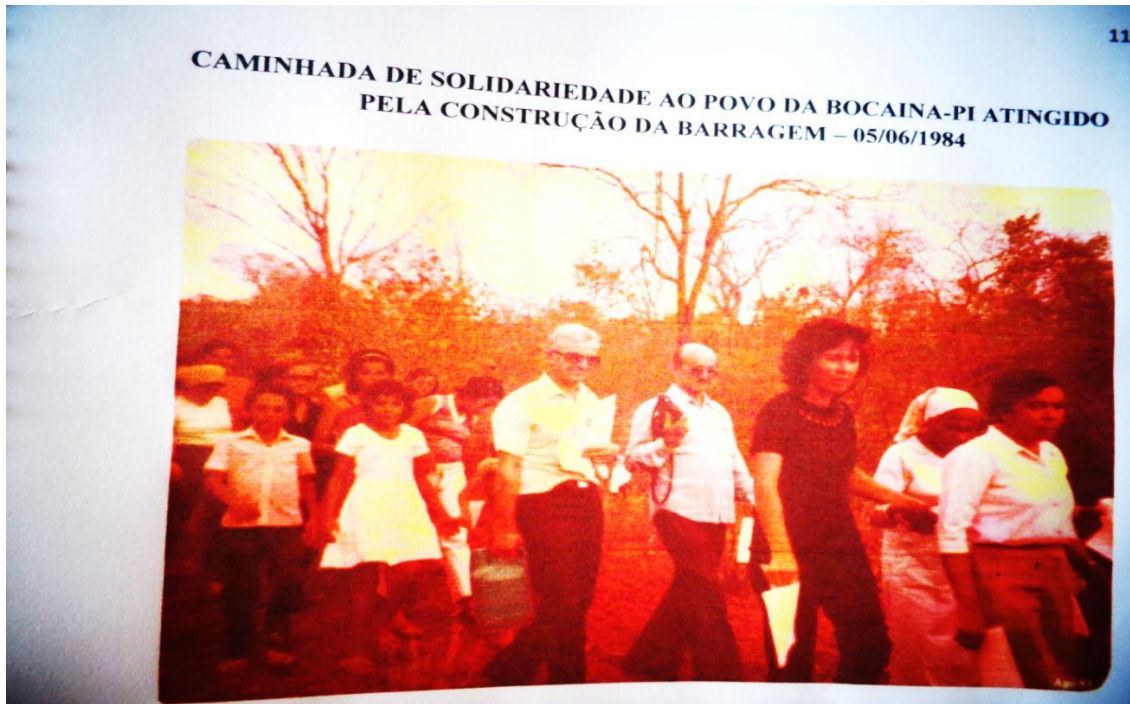
Desse modo, os trabalhadores de Bocaina sentiram-se a necessidade de unir e lutarem em prol de interesses em comum. Embora não tenha conseguido impedir a obra, eles conseguiram pelo menos em partes o ressarcimento monetário da perda de suas terras. Além disso, e talvez o mais importante, é que esses trabalhadores perceberam que possuem força coletivamente e que podem alterar as condições impostas pelo poder dominante, desde que se mobilizem no seu fazer. A união dos trabalhadores de Bocaina transformou as suas visões de mundo. Estes a partir de então atuaram de forma ativa, lutando pela defesa daquilo que consideravam seus direitos, não importando se para isso teriam que enfrentar o poder público, pois embora soubessem da força desse segmento não desistiram de reivindicar os seus interesses.

Constata-se a importância da união dos trabalhadores atingidos de Bocaina para reivindicar seus direitos, pois a partir do momento em que passam a agir coletivamente as suas lutas ganham força. Talvez se os moradores desapropriados de Bocaina não tivessem lutado, eles não tivessem se quer recebido nem a indenização de suas terras, pois o que eles testemunharam inicialmente foi um autoritarismo intenso com a invasão de propriedades particulares, de roças e plantações, sem nenhuma consulta aos donos. Assim faz-se necessário a união dos trabalhadores, pois é a partir das reuniões em que são colocados em discussão os problemas que os afetam, e, por conseguinte são pensados em possíveis ações que possam solucioná-los.

Foi o fazer dos trabalhadores atingidos de Bocaina, através das suas lutas pelos seus direitos, que contribuiu para que eles não fossem um grupo de indivíduos desorganizados em que cada um defendia interesses individuais e que não conseguiam nem se quer falar com o comandante da obra quanto mais enfrentar as suas determinações. A partir das atribuições de sentidos e valores as suas experiências de vida, os moradores desapropriados manifestaram-se no seu fazer através das ações que estavam ao seu alcance para reduzir a situação de injustiça em que estavam sendo submetidos. A imagem a seguir representa uma ação coletiva dos ribeirinhos de Bocaina:

⁶² MOURA, Maria; CARVALHO, Michellane. **Desconstruindo Vidas**: histórias submersas no Açude Bocaina. Picos, 2011.

Imagem 05: caminhada de solidariedade ao povo da Bocaina –PI atingido pela Construção da Barragem.



Fonte: acervo pessoal da professora Maria Oneide Rocha Fialho.

No entanto, a resistência dos trabalhadores atingidos não só começou com o início da obra, mas bem antes. Na década de 1950, quando foi elaborado o projeto de execução da obra as formas de reação já começaram a se manifestar. Nesse sentido, podemos mencionar a posição do senhor João Nenem, em relação à implantação da obra. Este senhor era morador da localidade de Carvalho e proprietário de terras às margens do rio Guaribas. Para o senhor João Nenem, a construção da barragem não poderia ser concretizada, uma vez que iria encobrir as terras mais férteis dos moradores. Isso pode estar presente nas palavras da senhora Maria Natércia quando ela menciona a fala do senhor João Nenem:

A primeira pessoa que eu vi falano sobre a construção da barragem foi meu avó João Nenem, ele não quiria e dizia que com ele vivo não cavavam a barragem e de fato quando vieram terminar de fazer ele já havia falecido, pois morreu em novembro de 1982 e só terminaram em 1984, ele dizia que não queria porque ia cobrir as terras mior que ele tinha que era as da barragem, que lá ele tinha roça, tinha vazante, quando os pasto daqui acabava ele levava o gado, os porco para lá, ai tinha o rio lá. Ai com a barragem ia se acabar o rio, ele tinha uma casa lá dos trabalhadores se arranchar, ai com a barragem ia se acabar tudo, por isso que ele não quiria. Desde eu piquininha eu ouvia isso de meu avó, pois o primeiro estudo foi em 1953 e eu nasci em 1950.⁶³

⁶³ GOMES, Maria Natércia. Depoimento concedido a Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

A resistência do senhor João Nenem a construção da barragem de Bocaina não se restringiu apenas a reação verbal, mas também incluiu a adoção de atitudes, que tentavam impedir a construção da Barragem de Bocaina. O exemplo disso, foi a organização por parte deste senhor de um abaixo-assinado com assinatura da população que se posicionavam contrários à implantação da obra. O entrevistado José Olímpio faz referência ao abaixo-assinado:

Em 1953 o finado João Nenem fez um abaixo-assinado e recolheu mais de duzentas assinaturas. Este abaixo-assinado era contra a construção da barragem. Ele recorreu as casas qui iam ser prejudicada com a barragem pedindo as assinaturas do povo, dizendo qui não podiam deixar qui a barrage fosse feita não, pois ia tomar as terras boas e a estrada. Depois ele enviou o abaixo-assinado para o Rio de Janeiro, qui era a capital do Brasil nessa época⁶⁴

O sentimento de perda e de resistência por parte dos moradores ribeirinhos ainda permanece. Muitos deles questionam porque não tem direito sobre suas próprias terras e que benefícios essa obra trouxe para eles. Nesse sentido apontam que a Barragem beneficiou foi às pessoas que não tinham terras no local onde a obra foi construída. Para Dona Isabel o que a barragem trouxe foi desassossego, como sugere suas palavras abaixo:

A Barragem acabou foi tudo, trouxe pra nós foi desassossego. Hoje o que tem aí é festa, é carnaval, pra nós isso aí num tem fonte. Que vem o povo de fora que se aproveita das coisas e nós num tem renda de nada. Pra nós só teve prejuízo e mais nada. Foi carnaval, foi banca, fizeram foi uma rua dentro e nós foi quem fiquemo sem nada. O que fizeram de barraca, de casa, de prédio que tem aí, tudo tomado, nós num tem direito a nada. Nem dizer ao menos assim: - eu tenho uma rocinha lá bem pequenininha, o finado Antônio cercou lá no meio das casa que nasceram e se criaram dentro dessa rocinha. Já vieram e derrubaram a metade pra fazer um palco pro carnaval, pra botar num sei o quê, num sei o quê. Já derrubaram um bocado dessa roça. Foi a ajuda que eles deram pra nós foi essa bem aí e outra ajuda eles nunca deram. Foi isso aí que eles fizeram. Aí hoje lá tá uma rua dentro de nossas terra e nós num tem direito a nada. Só forasteiro, só gente de fora. Só tem direito os de fora, tem todo direito lá, mas nós os dono num tem direito não.⁶⁵

Percebe-se o sentimento de injustiça em que Dona Isabel atribui aos efeitos da Barragem, mencionando que até mesmo uma porção de terra que não foi encoberta pela barragem e o seu marido (finado Antônio – Seu Torega) fez uma roça, já foi destruída pela metade para a construção do palco do carnaval e os empreendimentos que surgiram como barracas, casas, prédios pertencem e são explorados por pessoas que não foram atingidas pela

⁶⁴ GOMES, José Olímpio. . Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

⁶⁵ SILVA, Isabel Maria dos Santos. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes e à Hortência de Moura Costa. Bocaina, 2014.

Barragem, sendo que ela e outros atingidos não tem direito a nada. A fala de dona Isabel sugere que o seu sossego foi perdido, porque quando teve a sua casa desapropriada, construiu outra casa em uma área que fica próxima a barragem, então a grande movimentação de pessoas na barragem, com a realização de festas e o uso de sons altos incomoda até o seu sono. Isso sem falar que ela fica assustada com a atração do grande número de pessoas para a região, pois tanto vem pessoas do bem como também pessoas do mal, sendo muitos indivíduos desconhecidos que ela não sabe nem quem são, nem o que querem.

Dentro do processo de resistência e de luta dos moradores ribeirinhos de Bocaina merece destaque as ações da senhora Isabel, que foi a primeira pessoa a procurar D. Augusto e pedir ajuda. Dona Isabel ao ter sua casa e suas terras desapropriadas de forma autoritária, sem o pagamento de uma indenização prévia não mediu esforços para enfrentar os militares responsáveis pela obra, constituindo-se como um exemplo de mulher que foi a luta sem ter medo de reivindicar seus direitos. Ao lembrar sua atuação durante o processo de construção da Barragem de Bocaina, dona Isabel falou sobre o episódio em que teve sua roça invadida, sem autorização:

[...]eu só vi a poeira subir. Aí quando eu cheguei dois trator tava parado aí eu mandei sair e ele disse q não podia sair. Aí eu disse: - mas vai sair agora que vocês num tem nada aqui. Eu vou mostrar como você vai. E ele disse: - olha, o sargento tá acolá e o tenente, vamo lá. Ele disse: - Você fala com ele. Eu disse: - ora se eu falo, me mostra aí onde é que ele tá. Aí quando eu cheguei lá aí já fui dizendo assim: - com qual ordem vocês entraram na minha roça. Ele arribou o chapéu. - Boa tarde senhora. Eu disse: - cheguei tarde. Se eu tivesse chegado mais cedo vocês num tinham derrubado minha cerca. Existe a lei de se evadir o alhei? Pois se existir uma lei decá ela pra cá que eu vou evadir agora. Sou obrigada a evadir. Vocês tão evadindo sem lei. Ele disse: - dona num tem lei, nós tamo aqui mandado.⁶⁶

Dona Isabel protestou contra a invasão de sua roça e exigiu uma explicação para tal fato, configurando-se como uma atitude de coragem e de desafio contra o poder público, pois naquela época o Brasil vivia o período da ditadura militar e contestar algum dos atos dos militares era considerado comportamento subversivo e uma ameaça ao poder governamental. No entanto, Dona Isabel não tinha conhecimento do contexto de repressão e de tortura em que se praticava no Brasil, sendo que o que ela identificava como importante era garantir o direito as suas propriedades. Não se sabe se caso Dona Isabel tivesse conhecimento do contexto de repressão da Ditadura Militar no Brasil se ela tinha enfrentado com tanta determinação o 3º BEC, mas o fato é que ela lutou contra esse órgão e teve algumas das suas reivindicações atendidas.

⁶⁶ SILVA, Isabel Maria dos Santos. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes e à Hortência de Moura Costa. Bocaina, 2014.

Em outro momento, quando Dona Isabel estava construindo a sua casa, onde se encontra edificada hoje, ela novamente reagiu às ações dos funcionários do BEC e foi até local onde se encontrava o capitão para pedir uma solução para o problema que a afetava, como sugere o trecho abaixo:

Quando eu comecei a fazer essa casa aqui num tinha um pingo da água, ai tinha um povo do Bec qui tinha uns barraco aqui perto, pois o povo do BEC vinham deixar água pra eles todo dia e nós com o material e os trabaiaador no terreiro e num fazia as casa porque num tinha água. Ai eu fui e pedi a eles pra botar água e eles disseram qui num botavam não, e eles tinham ordem pra botar, mas disseram qui num botavam de jeito nenhum. Então eu só peguei um pano, botei na cabeça e fui lá untar o capitão Lucio Flávio, o povo pensava qui eu tinha medo, vixe, fui lá. Ai eu disse eu to com o material e os trabaiaador par fazer meu rancho e num tem água e você sabe qui eu fui obrigada a tirar minha casa e como é qui eu vou fazer sem ter água? O homem vai deixar água no terreiro da casa mas num bota pra mim, disse qui num tem quem faça, vai com pipa cheia e volta com ela cheia. Ai o capitão, foi e escreveu um papel e me intregou, quando o homem chegou com a pipa da água e fui e entreguei o papel pra ele e disse: tem ordem ou não tem? Ele baixou a cabeça e foi encher a cisterna qui meu marido tinha feito, era uma cisternona grande cabia uma pipa da água e num disse nada. Ai todo dia ele ficou indo deixar uma pipa da água, eu disse num bote não, você pensa qui eu tenho medo de capitão, de seu fulano e seu cicrano, eu num tinha medo de nada.⁶⁷

A coragem de Dona Isabel em ir até o capitão solicitar que fosse colocada água em sua casa, fez com que ela tivesse sua solicitação atendida. No entanto, não temos como saber se os funcionários tinham ordem para colocarem a água e não colocavam como afirma Dona Isabel ou se o capitão não tinha dado ainda ordem. Pode ser que somente quando Dona Isabel foi ao encontro do capitão e faz a exigência pela água ele tenha resolvido a dar a ordem. É importante analisarmos a importância da atuação de Dona Isabel, pois talvez se ela não tivesse ido exigir a colocação da água em sua casa ela nunca teria recebido. O fato é que Dona Isabel desafiava o poder do BEC, quando ela mesma coloca que: “você pensa qui eu tenho medo de capitão, de seu fulano e seu cicrano, eu num tinha medo de nada”.

Dona Isabel se configura como uma personagem desafiante do poder dos militares e que faria qualquer coisa para ter o que ela considerava como seus direitos. As ações de Dona Isabel eram muitas vezes impulsivas e ela não pensava nos possíveis perigos que estava correndo. Ela não pensava que suas ações poderiam conduzir a consequências trágicas, pois uma vez ela chegou a se jogar em frente a uma máquina para impedir que se fizesse uma estrada pela frente da sua casa, como sugere o trecho abaixo:

⁶⁷ Idem.

Um dia ia passando as máquinas na frente de minha casa para fazer uma estrada, ai eu entrei na frente abri os braços e disse: aqui vocês só passam, se passar por cima de mim, aqui eu comprei e paguei, por isso pode retirar, ai o motorista disse eu sou mandado, eu disse num quero saber. Ai ele foi falar com o capitão e o capitão disse qui não podia, destar qui ia falar com meu marido para achar outro lugar pra fazer a estrada, ai acharam e tiraram por onde é hoje.⁶⁸

A partir das ações de Dona Isabel, foi surgindo à união dos trabalhadores em defesa de seus interesses, ela não só procurou D. Augusto para ajudá-la como também, acolheu em sua casa as pessoas que faziam parte do MEB. Desse modo, Dona Isabel constitui-se como exemplo de resistência e coragem contra as ações do 3º BEC durante o processo de Construção da Barragem de Bocaina. Não sabemos se Dona Isabel não tivesse tido a atitude de procurar Dom Augusto para pedir ajuda e a força e coragem de agir e de procurar mobilizar os outros trabalhadores, se o movimento de organização e união dos trabalhadores ribeirinhos de Bocaina contra a Construção da Barragem e depois pela indenização justa teria acontecido.

Portanto os trabalhadores desapropriados com a Barragem de Bocaina não devem continuar sendo vista com um caráter de desprezo, atribuindo lhes a denominação de “coitadinhos”, pois a experiência de vida deles diz muito acerca da interpretação que eles atribuíam as seus modos de vida. Assim é preciso situar os seus hábitos, valores, atitudes e ações dentro do período e do contexto em que eles viviam, e não tratar sobre o ponto de vista do outro ou querer colocá-las para o momento em que estamos vivendo no presente. Uma vez que o seu modo de vida encontrava dentro do contexto em que estavam situados, o qual passa por um campo de transformações e mudanças. Sendo assim necessário valorizar as suas experiências de vida a partir dos aspectos de sentimentos e valores atribuídos por eles no seu fazer.

⁶⁸Idem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que indenização nenhuma trará de volta as experiências de vida que foram formadas a partir da cultura local daquele povo. Uma vez que percebemos que quando os ribeirinhos entrevistados fazem referência a sua vida em torno do Rio Guaribas eles atribuem um sentimento de valorização e de saudades, vendo a saída das suas propriedades como um processo arbitrário.

O senhor Cândido, ao se referir sobre a sua vida antes da barragem aponta: “[...] ainda hoje eu tenho o sabor das melancias de lá, e dos banhos que eu tomava. A piscina quem escolhia era eu, eu conhecia todas: a mais funda, a mais rasa.”⁶⁹ Nesta fala ,percebemos que a vida no campo às margens do rio Guaribas ainda permanecem vivas na memória dos ribeirinhos e configuram-se como algo que embora não exista mais deixou marcas positivas e profundas.

As perspectivas que muitos ribeirinhos já tinham mesmo antes de concluir o término da Construção da Barragem eram de que não iriam receber benefícios: “prá nós num vai sobrar nada”. Esse sentimento de decepção aumentou ainda mais com o fim da obra: “[...] pra eu ela nunca trouxe vantagem, pois nunca fui pescador, o dinheiro foi só o que recebi da indenização da desapropriação, mas a inflação acabou, comeu! [...]”.⁷⁰

Os “supostos” benefícios propagados pelo poder público, representado pelo 3º BEC, não iam de acordo com o interesse de muitos moradores ribeirinhos. Assim, dona Maria Antônia coloca que: “eles diziam qui ia dar pra gente plantar muitos novos alimentos, mas pra que a gente plantar essas comidas qui a gente num sabe nem o qui é [...]”.⁷¹ Os alimentos que dona Maria Antônia já tinha antes da Barragem eram considerados por ela como suficientes, por isso atribui essa resistência à introdução de novos alimentos.

A construção da Barragem ocasionou deslocamento não só dos moradores ribeirinhos vivos, mas até dos mortos que estavam na área onde se deu a edificação da Barragem, sendo estes transferidos para outros locais ou tendo sidos submersos pela água, fazendo com que mais uma vez os ribeirinhos se sentissem indignados: “aqui nem os mortos descansam em paz.”⁷²

As perdas não foram só materiais, mas também imateriais. Ali, eles construíram casas, constituíram famílias e amizades. Os ribeirinhos tiveram que começar uma nova vida em

⁶⁹ NETO, Cândido da Rocha. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

⁷⁰ Idem.

⁷¹ ROCHA, Maria Antônia de Sousa. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

⁷² MEB, 1982. Fonte: arquivo pessoal da professora Maria Oneide Fialho Rocha.

outro lugar e tudo que eles tinham feito durante anos se acabou; foi muito trabalho e suor que foi submerso. Os trabalhadores não puderam mais visitar as suas roças que tinham sido feitas por seus pais e que lhes garantiam uma colheita em abundância. A submersão das terras destruiu lugares de memória e redes de sociabilidades. Muitos parentes e amigos se separaram; vizinhos que não tiveram mais o prazer de buscar água no rio e conversarem, pois estes foram embora para longe. Além disso, os corpos foram exumados, e muitos ribeirinhos viram os restos dos seus antepassados sendo retirados; estes trabalhadores não tinham mais a liberdade de irem aos cemitérios visitar os túmulos, pois já se encontravam debaixo da água e o que tinha eram somente os seus restos em outros locais. Pior ainda, era para aqueles que tiveram túmulos dos seus entes queridos encobertos pela água.

As terras férteis a beira do Rio Guaribas foram encobertas, sendo que para os ribeirinhos que viviam das atividades agrícolas a vida ficou mais difícil do ponto de vista econômico, pois como conseguir alimento se não tinham mais terras onde pudessem introduzir as vazantes? Ainda vale lembrar que estes ribeirinhos não foram avisados de nada e tiveram que sair de suas terras e edificar outra residência antes de receber a indenização. Então você está nas suas propriedades, nas suas casas e de repente chegar máquinas invadindo suas terras é algo que provoca indignação.

Através das atribuições de sentido pude perceber que as referências construídas ao longo do tempo por parte dos ribeirinhos de Bocaina levaram à organização do pedido de reintegração de posse de suas terras. Porém, não tiveram êxito e exigiram uma indenização justa. Isso demonstra que esses ribeirinhos agiram conforme o que autor Thompson coloca como união dos trabalhadores de acordo com interesses e experiências de vida em comum.

Mesmo os trabalhadores ribeirinhos de Bocaina não tendo conseguido seus objetivos primordiais: reintegração de posse e indenização justa, a união e organização destes foi algo positivo no sentido de que possibilitou a formação de um movimento que ia contra os interesses do poder dominante e que pressionou este mesmo poder a pagar uma indenização, que até então, poucos tinham conhecimento. Contudo, se não fosse à organização dos ribeirinhos, através da ajuda da Igreja, representada pelo MEB e pela figura do bispo diocesano D. Augusto, provavelmente eles não teriam recebido indenização alguma.

REFERÊNCIAS

a) Revistas, jornais, artigos, livros

ANDRADE, Manuel Correia de. **A intervenção do Estado e a seca no Nordeste do Brasil**. Revista de Economia Política, vol. 6, n° 4, 1986. p. 126.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. **Práticos do sertão**: interculturalidade e experiência na vida cotidiana dos trabalhadores nas canoas monçoeiras (século XVIII). MÉTIS: história & cultura – v. 5, n. 9, p. 207-230, jan./jun. 2006 .

CASTRO, Josué. **A geografia da Fome**. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Sem título. Jornal macambira. Picos, 30/03/1983. P. 4

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos**. Revista tempo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, v.1 (2): 59-72, 1996.

ROCHA, Maria Oneide Fialho. **Movimentos Sociais**: ação sócio-política na região de Picos a partir da ação sócio-educativa do Movimento de Educação de Base-MEB, no período de 1985-1995. Recife, 2011.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**: a Árvore da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. v.1. 204 p.

THOMPSON, Edward P . **A Formação da Classe Operária Inglesa II**: a maldição de Adão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. v.2. 342 p.

THOMPSON, E. P. A Miséria da Teoria. In: FENELON, Déa Ribeiro. **O historiador e a cultura popular**: história de classe ou história do povo?Uberlândia: história e perspectivas, jan-jun.2009.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura; tradução Paulo Henrique Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

b) Páginas da Internet

FILHO, João Soares da Silva. **Indicadores de desenvolvimento sustentável nos municípios da bacia hidrográfica do Rio Guaribas**. Teresina, 2004. Disponível em <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/mestambiente/arquivos/files/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Joao.pdf>>. Acesso em 10 jun. de 2014.

IDEC. Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor. Disponível em: <<http://www.idec.org.br/em-acao/revista/cinema-virtual/materia/tudo-sobre-planos-economicos/pagina/144>>. Acesso em 27 dez. de 2013.

SOUSA, Marcos Vinícius Holanda Sousa; ELIAS, Juliana Lopes. **A cidade em perspectiva**: as mudanças espaciais e urbanísticas na cidade de picos (PI) no período de 1960- 1980. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar,

Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI, 2012. . In: LÉLIS, Dimas Leopoldo. Entrevista concedida a Marcos Vinícius Holanda Sousa. Picos, 2012. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Marcos%20Vinicius%20Holanda%20Sousa%20&%20Juliana%20Lopes%20Elias.pdf>>. Acesso em 25 jun. de 2014.

SOUSA, Marcos Vinícius Holanda Sousa; ELIAS, Juliana Lopes. **A cidade em perspectiva: as mudanças espaciais e urbanísticas na cidade de picos (PI) no período de 1960- 1980.** VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar, Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI, 2012. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Marcos%20Vinicius%20Holanda%20Sousa%20&%20Juliana%20Lopes%20Elias.pdf>>. Acesso em 25 de jun. de 2014.

[S.A]. **Enchente que alagou o município de Picos nos anos 60.** Disponível em:< <https://pt.wikipedia.org/wiki/Picos/uselang=em>>. Acesso 16 maio de 2014.

[S.A]. **Mapa de localização do Piauí, destacando Picos e Bocaina.** Disponível em: <https://www.google.com.br/search?hl=ptPT&site=imghp&tbm=isch&sa=1&q=mapa+de+localiza%C3%A7%C3%A3o+da+cidade+de+Bocaina+Piau%C3%AD&btnG=.>>. Acesso 16 maio de 2014.

IPEADATA. Índice Geral de Preços – disponibilidade interna (IGP-DI). Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br>. Acesso em 10 de dez. 2013.

FONTES

3º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO. “Açude Bocaina”. 1º Grupamento de Engenharia e Construção./ SUDENE. (Mimeo) .S/D.

GOMES, José Olímpio. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

GOMES, Maria Natércia. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina 2013.

LIMA, Helvídio João de. Depoimento concedido à Hortência de Moura Costa, Picos, 2014.

MEB, 1982. Fonte: arquivo pessoal da professora Maria Oneide Fialho Rocha.

MEB, 1983. Fonte: arquivo pessoal da professora Maria Oneide Fialho Rocha.

MEB, 1984. Fonte: arquivo pessoal da pela professora Maria Oneide Rocha Fialho.

MOURA, Maria; CARVALHO, Michellane. **Desconstruindo Vidas: histórias submersas no Açude Bocaina.** Picos, 2011.

NETO, Cândido da Rocha. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

ROCHA, Maria Antônia de Sousa. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes, Bocaina, 2013.

SILVA, Isabel Maria dos Santos. Depoimento concedido à Maria Francisca da Rocha Gomes e à Hortência de Moura Costa. Bocaina, 2014.